

"Havendo Deus Falado" *por T. Austin-Sparks*

Capítulo 1

A Mensagem Final de Deus

Preâmbulo

O "Prefácio" de todo livro tem o objetivo de permitir que os seus leitores saibam o que o escritor tem a dizer quanto ao propósito que o levou a escrever, e, também o que não faz parte de sua temática. Porém, embora deva ser considerado importante, muitas pessoas não o leem, e, ao não fazer isso, sem querer podem cometer uma injustiça com o escritor. E, para me precaver contra esse risco, já de início peço que vocês leiam com atenção o que se segue.

Estou bem ciente de que aquilo que será dito aqui irá representar, para multidões de cristãos hoje, uma convulsão e revolução não menor do que aquela ocorrida no início da transição do Judaísmo para um Cristianismo plenamente desenvolvido, como apresentado pelos Apóstolos ao passarem por aquela transição e interpretarem o significado de Cristo. Se o que dissermos aqui causar ou resultar numa drástica e hostil reação, isso não será surpresa alguma.

Há dois motivos de consolo em tal caso: o primeiro é o profundo senso de urgência Divina e um comissionamento para escrever, "quer ouçam, quer deixem de ouvir"; o segundo é o conhecimento de que, por muito tempo e de um modo cada vez mais profundo, tem havido uma crescente percepção por parte de muitos de que nem tudo está bem com a cristandade, nem mesmo o chamado cristianismo evangélico. Excetuando duas classes de cristãos, podemos dizer que tem havido uma crescente preocupação com a fraqueza e a ineficácia (real ou comparada) da vida e do testemunho espiritual dos cristãos e, também das igrejas. Essa preocupação é mostrada de várias maneiras. Algumas vezes através de indagações e discussões sobre o que está errado, e outras vezes na realização de um número crescente de convenções e reuniões visando ao "aprofundamento da vida espiritual".

As duas classes excetuadas são: a primeira é composta por aqueles que organizaram tanto a atividade cristã que chegaram ao ponto de transformá-la num tremendo negócio, o qual é mantido por esforço e energia próprios, onde o incessante ativismo é visto como sendo

sinônimo de vida e poder, com a desculpa de que há pouco tempo ou interesse a ser dado à questão da profundidade espiritual e da medida Divina. A segunda classe é composta por aqueles que estão tão presos à tradição e uma posição fixa, em termos de doutrina e prática, que tornaram quase impossível ao Espírito Santo conduzi-los pelo caminho de uma maior plenitude de Cristo. Essas duas condições marcaram fortemente o Judaísmo do primeiro século, e forneceram um terreno fértil para o forte ressentimento e antagonismo que trouxe tanto sofrimento aos Apóstolos e aos primeiros cristãos.

Não é exagero algum dizer que, sobre o atual Cristianismo tradicional, pairam um tempo e um estado de crise. Isso, e sua natureza, será mostrado mais detalhadamente na sequência; porém, para concluir o Preâmbulo, devo pedir que, se em algum momento você ficar muito irritado, a ponto desejar ignorar tudo, apenas faça uma pausa e dê lugar a uma suposição. Suponha o seguinte: E se a coisa estiver certa? No ano de 1939 muitas pessoas responsáveis, governos e funcionários, estiveram sob severa condenação por terem se recusado a crer nos fatos. Por anos a Alemanha esteve muito cuidadosamente introduzindo agentes e forças da Quinta Coluna em quase todos os países. Porém, sempre que alguém falava sobre isso e tentava avisar os governos daqueles países que tal coisa estava ocorrendo, não apenas a sugestão dessa pessoa era repudiada, como também a própria intenção malévola era desacreditada. Bem, contudo, os relatos persistentemente descartados provaram ser verdadeiros, e isso significou sofrimento, tristeza e horror sem paralelos na história. Suponha que em 1939 alguém tivesse profetizado que em menos de um ano a Alemanha iria derrotar e dominar a Holanda, a Bélgica e a França, além de vários outros países europeus, o que vocês acham que teria acontecido com o tal profeta? Certamente ele teria sido ridicularizado, até mesmo colocado numa prisão, ou talvez num asilo, por ser considerado um lunático. Muito provavelmente ele teria sido tratado como um agente inimigo, assim como o foram Jeremias e outros profetas antigos. Porém, aquelas coisas "não cridas" tornaram-se realidades. Assim, sofrimento indizível e perda são o preço por se recusar a considerar uma suposição.

Mas havia outro fator de natureza muito sutil. Para o sucesso dessa técnica alemã, os agentes deviam espalhar no exterior a impressão de que não havia qualquer intenção malévola envolvida. Desarmar qualquer suspeita e impressionar com boa vontade, isso era parte vital para o sucesso do esquema. Isso tem sua contrapartida nos "lugares

celestiais", e somente aqueles que se mantiverem por muito tempo no lugar secreto com o Espírito do Deus Onisciente é que serão salvos dos infinitos perigos que rondam no caminho do otimismo superficial, que é uma arma secreta da campanha de Satanás contra a plenitude de Cristo.

Então faça uma pausa e pergunte: E se o que está escrito aqui estiver certo? Resultaria isso em *perda ou em ganho espiritual eterno*? E se eventualmente isso vier a ser realmente a mensagem de Deus?

A Carta aos Hebreus

(1) A Abordagem

No Preâmbulo, usamos a palavra Crise. A carta que está diante de nós teve a sua origem numa crise em duas fases ou dimensões. De forma mais direta, a carta foi destinada àqueles que tinham dado um passo real com Cristo, mas que estavam a ponto de transformar o Cristianismo num Judaísmo que reconhecia a Jesus. Mas também se relacionava ao grande e iminente evento, no qual todo o sistema judaico seria varrido, e todas as profecias em relação à rejeição e dispersão de Israel seriam cumpridas. É sempre importante lembrar que, quando Deus trata com qualquer um dentre o Seu povo sobre uma questão espiritual, mais cedo ou mais tarde haverá sempre algo literal envolvido. Deus nos salvará de um desastre histórico que Ele sabe estar chegando, colocando-nos numa posição espiritual onde o evento não seja desastroso para *nós*. Assim, a crise é um ponto de virada - como numa doença crítica - que envolve a questão de vida ou morte. A carta repetidamente suplica e adverte, à luz das tremendas consequências que são colocadas na balança. Podemos afirmar, sem medo de sermos contraditados, que algumas das coisas mais terríveis de toda a Bíblia são encontradas nessa carta. Assim, isso nos faz observar a importância das declarações iniciais.

Deus antigamente falava em partes e de várias maneiras, mas agora Ele nos tem falado de forma plena e de um modo todo-inclusivo, e isso com um propósito. Ele não irá falar novamente, e, também não irá acrescentar ou mudar o que tem dito de modo tão conclusivo. O discurso fragmentário de Deus em tempos passados teve grandes consequências envolvidas na atitude e na reação do homem; mas isso foi pouco, se comparado àquilo que está atrelado a este discurso final. Este tipo de abordagem está preservado como um tema através de toda a carta, e chega aos ouvidos de várias maneiras, às vezes belas, às vezes terríveis. E o resultado de tudo é o seguinte: Vocês têm disponível hoje

a *plena* Revelação da mente de Deus. Vocês são responsáveis por ela agora. Esta Revelação foi e está destinada a levar vocês a uma determinada posição espiritual que irá governar toda a sua vida. A medida da sua vida espiritual, em termos de satisfação Divina, será determinada por sua compreensão viva e por sua obediência a tal Revelação. *Já o grau de sua ineficácia e improdutividade, individual e coletiva, irá revelar o grau do seu fracasso em assimilar esta Revelação.*

A carta se propõe a ser tremendamente séria. Apesar de conter coisas muito gloriosas, é a possibilidade de perdê-las (possibilidade que quase se tornou uma realidade no caso de seus primeiros leitores), que torna às vezes o seu tom tão solene. Assim, nossa abordagem deve ser feita com os pés descalços: sem os sapatos do preconceito, da autossuficiência, do orgulho, do formalismo e coisas semelhantes. Tendo ajustado nossa abordagem, estamos agora aptos a contemplar algo da importância ou das implicações dessa carta.

(2) As Implicações

É aqui que temos que começar a falar algumas das coisas que não são nada fáceis de serem ditas, e menos fáceis ainda de serem aceitas.

A carta aos Hebreus apresenta a revolução ou reconstituição global que Deus fez quando trouxe o Seu Filho, Jesus Cristo, ao mundo - isto é, a *revolução religiosa*. Essa revolução, que foi rejeitada pelo Judaísmo, foi quase que totalmente ignorada ou perdida pela cristandade desde os tempos apostólicos. Todo esse atual sistema cristão, como é geralmente aceito, seria praticamente impossível se o significado desta carta fosse recebido como uma revelação celestial no poder do Espírito Santo. Isto é - se chegou ao coração pelo poder do Espírito com o efeito de uma revelação aos moldes do que ocorreu ao apóstolo Paulo, que conseguiu enxergar quem de fato é "Jesus de Nazaré", então um Cristianismo Judaico (que é o que ocorre tão amplamente com a cristandade hoje) seria impossível; como o foi para Paulo. A carta aos Hebreus é apenas mais um aspecto da batalha travada nas cartas aos Romanos e aos Gálatas. À luz de tal abertura espiritual de olhos, muitas coisas acabariam: porém, sendo uma "visão celestial", não haveria lágrimas, nem sentimento de perda e nem despedidas. Ao invés disso, o ganho e a alegria iriam colocar todas essas coisas na categoria de uma roupa desgastada e não mais desejada. Ao dizer isso, estamos apenas contemplando a maré cheia da vida espiritual conhecida antes que qualquer uma dessas práticas judaicas viesse a existir. E tais práticas

judaicas só aconteceram porque a plenitude do Espírito havia se extinguido, mas, sendo elas um substituto artificial, elas nunca poderiam deixar de limitar as coisas no campo do propósito Divino. No entanto, essas práticas se tornaram a própria natureza do Cristianismo tradicional organizado! Tanto é assim que tocar nelas de maneira a ameaçar a sua existência é encontrar algo mais amargo e temível do que qualquer perseguição vinda da parte do mundo. Isso não é dito de maneira descuidada. A religião pode ser, e em grande parte é, uma força terrível; e o Cristianismo se tornou uma religião. Há poucas comunidades cristãs - mesmo os mais evangélicos e espirituais - que conseguem escapar totalmente dessa tendência ou propensão de se perseguir ou desprezar outras comunidades cristãs que possam ser consideradas rivais em *seu* campo de atividade. Toda essa conversa de "roubar ovelhas" tem pouco ou nada a ver com roubar *do* rebanho ou *do* Pastor, mas, sim, tem a ver com alguns grupos religiosos particulares do Cristianismo organizado.

Estamos falando - sem mencioná-las especificamente - sobre coisas que deveriam acontecer caso uma verdadeira revelação espiritual fosse recebida, e sem dúvida o leitor está se perguntando o que são essas coisas. Bem, esta carta que estamos considerando deixará tudo muito claro, então, vamos nos aproximar dela. À primeira vista, a Carta mostra a todos os que têm olhos para ver, o contraste entre o Judaísmo e Cristo. O Judaísmo era um sistema religioso terreno: Tabernáculo, Templo, Sacerdotes, Vestimentas, Ritos, Sacrifícios, Festas, Ministérios, Ordens, etc. O Novo Testamento, e essa carta em particular, tem algumas coisas muito claras a dizer sobre todo esse sistema judaico.

(3) Quanto à sua Intenção e Propósito

O sistema judaico foi instituído por Deus como uma cópia das coisas celestiais. Não que no céu houvesse literalmente tais coisas, mas, assim como todas as coisas físicas criadas foram destinadas a encarnar leis e princípios celestiais, assim também esse sistema deveria representar as coisas espirituais mais centrais do universo de Deus. Mas o instrumento ou o tipo jamais foi destinado a fazer mais do que apenas servir a determinado propósito *por certo tempo*. Esse sistema representou uma dispensação, ou seja, um método de Deus por determinado período apenas. Nunca se destinou a ser um fim em si mesmo, nem foi feito para ser praticado em todo o seu detalhe ou circunstância além do tempo determinado. Deus desejou que tais práticas judaicas servissem apenas como uma profecia das "coisas vindouras melhores", e que fossem

observadas de forma bem desapegada, para que não houvesse qualquer resistência quando as "coisas melhores" chegassem. A carta que está diante de nós afirma que a era das "coisas melhores" já chegou há algum tempo. "Deus ... nesses últimos dias nos falou ... em Seu Filho."

No entanto, a nova era e a nova ordem trouxeram um novo e mais poderoso conflito que jamais houve antes. Uma parte muito séria e sombria desse conflito ocorreu com a religião de tradição, a religião que adorava o mesmo Senhor e que encarnava *de forma simbólica* toda a verdade da nova era. Um grande apóstolo guerreiro foi o principal defensor dessa nova ordem espiritual - ele mesmo que outrora estava profunda e poderosamente integrado ao antigo sistema, mas que, por uma poderosa revelação, estava agora emancipado dele. Ele chamou essa revelação de "a visão celestial", e essa palavra "celestial" definiu para sempre a natureza da mudança nas dispensações. Nessa batalha ele foi forçado pelos sempre presentes Judaizantes. Ela foi travada em suas cartas aos Romanos e aos Gálatas. Quer aceitemos ou não que tenha sido Paulo o escritor da carta aos Hebreus, não há dúvida de que ele exerceu grande influência sobre ela, e nela novamente a mesma batalha é travada.

Se a principal característica do Judaísmo for buscada, ela será vista como sendo a redução de coisas celestiais e espirituais a um sistema puramente terreno. É o ato de fazer as coisas de Deus de forma meramente sensorial, ou seja, algo relacionado apenas aos sentidos físicos e, também da alma: visão, som, sentimento, razão, emoção, etc., com os numerosos e variados elementos complexos da constituição humana. Um dos argumentos inclusivos desta carta é que um sistema religioso baseado nos sentidos naturais não tem poder algum para levar alguém até a plenitude espiritual. Assim era o tal sistema judaico, e por isso fracassou completa e tragicamente. Deus não queria que ele tivesse outra finalidade que não a de levar a outra coisa; e nesta atual dispensação todo esse sistema judaico é colocado de lado e o outro se tornou a primeira e única coisa na aceitação de Deus. O terreno, natural e temporal foi suplantado pelo celestial, espiritual e eterno, que estava por trás das figuras. O fracasso foi inevitável porque tal sistema terreno nunca se destinou a ser um fim em si mesmo, e isso devido à condição do homem. O sistema judaico operava apenas no campo da alma do homem, que é uma coisa muito instável e variável; enquanto que, para Deus, *em primeira instância*, tudo é uma questão do espírito do homem.

Este é o ponto do versículo doze do capítulo quatro, que deve ser considerado juntamente com o contexto anterior.

O pensamento de Deus que corre através desta carta diz respeito à plenitude espiritual, e qualquer religião - até mesmo o Cristianismo - que misture e confunda alma com espírito, sensorial com espiritual (como aconteceu ao Cristianismo-Judaico, e como tem acontecido ao Cristianismo organizado de hoje) está condenado ao mesmo destino do Judaísmo. Se recorrermos aos recursos da alma das pessoas para construir o Cristianismo, ao invés de reconhecermos que "todas essas coisas estão fora de Deus" - que tudo deve primeiro vir dEle e ter seu primeiro ponto de contato com o homem em seu espírito, que, sendo regenerado (nascido de novo) torna-se para sempre o vaso e veículo de todas as coisas divinas - não importa quão imensa possa ser a nossa estrutura, ela irá sucumbir quando o grande "abalo" chegar. O Cristianismo agora, em grande parte, é algo construído com muitos aspectos judaicos inseridos nele; isto é, ordens exteriores, formas, vestimentas, títulos, edifícios e limites rigidamente fixados de apreensão da verdade. Se examinado de um ponto de vista celestial, tudo não passa de tolice, de brincadeira de criança; embora seja tão seriamente respeitado por seus adeptos.

É importante reconhecer que esta carta foi dirigida a um povo que - por um longo tempo - ocupou a posição de um povo que Deus havia tomado do mundo para Si mesmo. A Carta procura explicar a natureza e a história desse povo à luz da Pessoa de Cristo e do verdadeiro Cristianismo espiritual. Isso mostra que até mesmo tal povo escolhido pode transformar a sua santificação em algo terreno, e que, por agirem desta maneira, foram "derrubados" e serão derrubados novamente, mesmo na condição de cristãos, se repetirem no Cristianismo aquilo que seus pais fizeram no Judaísmo. Há algo aqui muito mais do que simples tipologia interpretada ou interpretação aceita quanto à salvação do pecado e do juízo; é a essencial e indispensável ligação celestial do povo do Senhor, bem como a sua vida *interiormente* separada da vida natural, mesmo num sentido religioso.

“Havendo Deus Falado” por T. Austin-Sparks

Capítulo 2

O Propósito Universal

Até agora, nossa abordagem sobre a "Carta aos Hebreus" foi muito negativa, embora feita com seriedade. Entretanto, achamos necessário, à medida que avançarmos, continuarmos a mostrar aquilo que *não* tem nada a ver com a mente de Deus em relação ao Seu povo.

Ao comissionar Seu servo Jeremias, o Senhor disse que ministério dele seria duas vezes mais corretivo e destrutivo do que construtivo (Jr 1:10). Isso indicava o quanto havia para ser removido do caminho antes que o propósito de Deus pudesse ser alcançado. Neemias se deparou com “muito entulho” em seu caminho antes de iniciar a sua obra construtiva. Mas a melhor maneira de se corrigir é sempre usar a forma positiva, isto é, apresentar o propósito de Deus da forma mais plena possível. Assim, então, o ponto principal desta carta, bem como de qualquer outra parte do Novo Testamento, é o cristão alcançar

Plenitude de Cristo

e as advertências mais fortes - com exemplos terríveis - são dadas quanto ao fracasso nesta questão. A fatal fraqueza de grande parte do trabalho da Igreja, tanto em seu evangelismo como em sua atividade interna, é o fracasso em não perceber que Deus jamais se satisfaz em ter apenas convertidos ou adeptos, mas considera muito mais importante levá-los ao pleno crescimento espiritual. Para isso Ele chegou ao ponto de transformar o permanente monumento da Revelação Divina - o Novo Testamento - em um volume com cerca de noventa e nove por cento de seu conteúdo destinado ao crescimento espiritual dos cristãos após a conversão. Antes de tudo, esta é a maneira de Deus nos dizer duas coisas.

Primeiro, que o propósito final, longe dessa concepção de que Seus conselhos eternos teriam sido frustrados, é Cristo *em plenitude*, não apenas em aspectos. Segundo, que somente uma Igreja que tenha uma grande medida de Cristo pode cumprir o propósito do evangelho de forma adequada e efetiva. Há muito mais força espiritual a ser vencida neste mundo e ao redor dele do que a igreja ou cristãos noviços imaginam. Somente Cristo em plenitude pode fazer isso, e a medida de

eficácia será sempre conforme a medida de Cristo. O fato de que a "Carta aos Hebreus" tem muito a ver com essa questão, pode ser visto a partir de que - em princípios - ela abrange e compreende toda a revelação e significado do Novo Testamento, tanto no aspecto doutrinário como prático. Analise a Carta e veja se não encontra nela a essência de "Romanos", "Coríntios", "Gálatas", "Efésios", "Filipenses", "Colossenses" e "Pedro". E não estabelece a base para o interrogatório das igrejas no "Apocalipse"?

Mas, para alcançar mais rapidamente o objetivo global da Carta, apenas tome esse pensamento de plenitude e leia a carta tomando isso como guia. Quando tiver feito isso, e tiver reconhecido que é isso que governa tudo, então inicie novamente a leitura com este segundo pensamento: De que maneira Cristo é revelado aqui como plenitude para a nossa compreensão e realização? Uma terceira questão eventualmente irá surgir: Que ajustes são necessários para que tal objetivo seja alcançado? Vamos procurar responder a essas perguntas ordenadamente.

Plenitude - O Objetivo Governante

Deus não acredita em vazio, nem em ocupação parcial. Isto é claramente mostrado ao longo das Escrituras. Se em qualquer dado momento Ele fala de uma maneira particular, numa linha particular, e com uma ênfase particular, é apenas para construir um todo e levar tudo para a plenitude. Este é o ponto já no primeiro versículo da carta. Antigamente Deus falava em partes e de muitas maneiras, mas todas essas partes e maneiras apontavam para o todo, e eventualmente esse todo é encontrado na Pessoa de Cristo - Seu Filho. Ele não é apenas outro modo ou outra forma de Deus falar; Ele é a soma e consumação de tudo. Ele estava implícito em todas as partes, mas nunca de forma completa em qualquer uma delas. Todas as partes eram - em princípio - aspectos ou características Dele. Porém, plenitude não é apenas a combinação e coordenação das partes como tipos, figuras e modos de falar. Ao invés disso, plenitude é o *significado* Divino para tudo o que aconteceu antes. A plenitude é espiritual, celestial, eterna, e não temporal, terrestre e passageira. Este é um ponto que deve nos fazer parar, a fim de pensarmos novamente. A plenitude será encontrada na natureza essencial dos pensamentos de Deus, e não em sua representação simbólica. A filiação, quando compreendida, é a maior revelação já dada por Deus ao homem, e o maior de todos os pensamentos Divinos para o

homem. Assim, os capítulos um e dois resumem tudo em relação à filiação.

Primeiro, temos a apresentação do Filho.

Ele foi constituído como herdeiro de todas *as coisas*. Ele foi o instrumento na construção das eras. Ele é a plenitude da revelação de Deus. Ele sustenta todas as coisas em coesão e existência. Ele realizou a purificação dos pecados. Ele está assentado à direita de Deus. Ele é superior aos anjos. Ele herdou um nome inefável.

Essa é uma apresentação de Cristo pelos dois lados de Seu ser, ou seja, filiação em duas conexões - Filho de Deus e Filho do Homem. Somente na carta de Paulo aos Colossenses (capítulo 1) e no Evangelho de João (capítulo 1) há algo comparável a isso como uma apresentação da plenitude e transcendência de Cristo.

O ponto que devemos entender é que, embora a plenitude sempre tenha sido o propósito e a intenção de Deus com relação a Sua criação, desde a queda do homem, jamais houve *possibilidade* de haver uma verdadeira plenitude espiritual até que Cristo, o Filho, se assentasse à direita de Seu Pai após Seu período de humilhação, sofrimento, morte e ressurreição. Deus *começa* a partir da plenitude e não na direção dela. Somente na experiência é que a plenitude progride, embora, na mente de Deus, ela seja algo que se *remete* a uma realização inicialmente fixada em Cristo. Quando o Filho - o padrão Divino de plenitude - foi colocado diante de nós, então a filiação em relação a Ele (não na Deidade, mas como Filho do Homem, capítulo 2) é trazida à família cristã. Todos os títulos de família são usados: "filhos", "irmãos", "filhos" e "Casa de Deus".

Não sendo esta uma exposição detalhada da carta, muita coisa deve ser deixada sem comentário, embora seja tão valiosa. Somos governados por um único pensamento.

Após o Filho e os filhos terem sido apresentados, e com eles o propósito e a intenção de Deus na plenitude governando a obra criativa, especialmente em relação ao "homem" e "ao Filho do Homem" (2:6), então a grande e significativa frase é usada "Participantes da vocação celestial". Com essa frase, somos precipitados para dentro do objetivo central desta carta, seu assunto e a crise que ela representa.

1. "A vocação celestial." O que é isso? O domínio sobre "o mundo vindouro (do qual estamos falando)" (2: 5). a. O homem, a princípio, estava destinado a isso, mas perdeu, ou isso lhe foi roubado. b. Israel foi um tipo de povo eleito que tinha tal destino. Mas o perderam (veja o capítulo 3, etc.). c. O domínio foi completamente assegurado no "Filho do Homem", que é o Filho de Deus - "Teu trono, ó Deus" (1:8) - e que agora é "coroado de glória e honra". E essa "herança" é para a Igreja.

2. Mas existem dois fatores de grande importância. a. A "vocação" é essencialmente celestial e espiritual. Ela não tem qualquer conexão com o presente mundo, exceto quanto ao testemunho espiritual. b. Sua plena realização e cumprimento está no "por vir", é futura, após a presente era.

Vamos olhar para essas duas coisas mais de perto. Qual é o aspecto desta carta? É totalmente do alto! Veja as referências celestiais.

"Vocação celestial" (3:1); "dom celestial" (6:4); "país celestial" (11:16); "Jerusalém celestial" (12:22); "coisas celestiais" (8: 5,9: 23); "passou pelos céus" (4:14); "mais alto que os céus", "Sumo Sacerdote" (7:26); "trono da Majestade nos céus" (8: 1); "entrou no mesmo céu" (9:24); "no céu melhor ..." (10:34); "inscritos no céu" (12:23); "Aquele que fala do céu" (12:25); "faça tremer o céu ..." (12:26)

Assim, o Senhor e tudo o que é dele são vistos a partir de baixo. Todo sistema do Antigo Testamento não passa de uma representação temporal da realidade celestial e espiritual; a sua contrapartida está no céu. Cristo está no céu, e todos os nossos laços com Deus são através de Cristo. Todo vínculo com o mundo é quebrado, mesmo enquanto ainda estamos aqui. Cristo no céu assume o lugar de todas as figuras e representações ritualísticas. É importante reconhecer que esta carta foi dirigida - em primeiro lugar - a um povo que durante séculos manteve a posição de um povo que Deus havia tomado do mundo para Si mesmo, e ela explica a própria natureza e história desse povo à luz do Cristianismo, mostrando que até mesmo esse povo pôde reduzir a sua santificação a algo terreno. Tudo aqui e agora é essencialmente espiritual, porém, é mostrado que pode haver uma falsa espiritualidade, uma pseudo-espiritualidade. Os Judeus imaginavam, como o fazem as multidões de cristãos bem intencionados de hoje, que a prática de certos rituais, que a preservação de certas formas, o uso de certas vestimentas, o emprego de certos instrumentos, linguagem, tons e que o

reconhecimento de um conjunto de acompanhamentos que apelam para os sentidos, que se nós mergulharmos numa atmosfera de reverência e solenidade, isso é espiritualidade. Esta carta na qual estamos meditando, definitivamente faz a divisão entre a alma (da qual o acima é a expressão) e o espírito (4:12). Com efeito, sua correção é que, quando você possui a verdadeira espiritualidade, não precisa de quaisquer das alternativas acima; e, de fato, este é o tempo em que tudo isso deu lugar ao que é pura e exclusivamente espiritual. Você pode praticar todas essas coisas acima referidas e ainda assim não ser uma pessoa realmente espiritual. Quanto mais espiritual você for, menos ficará impressionado com tais coisas; menos irá praticá-las. Elas serão vistas por você como brincadeira de criança. Isso pode ser provado pelo fato de que nos lugares onde o ritual ainda é algo muito relevante, a lacuna entre o conhecimento pessoal do Senhor e o ritual também é maior. Ao passo que uma vida rica e profunda em Deus geralmente é encontrada onde há pouco ou nada dessas formas exteriores que lembrem um sistema religioso.

Que fique registrado, ao encerrarmos este capítulo, que é nesta mesma linha que seguem o apelo, as advertências, as exortações e o argumento desta carta. Não temos aqui, por exemplo, exortações contra a sensualidade, mundanismo, ou divisões tipo a dos Coríntios; não temos exortações contra os pecados dos cristãos, mas sim, contra a imaturidade, a infantilidade (capítulo 5:12 a capítulo 6:12) daqueles que, embora "uma vez iluminados", corriam o risco de ter suas vidas espirituais limitadas e frustradas, ao se conformarem com um sistema religioso tradicional terreno que, embora instituído por Deus num tempo passado para ser aplicado às primeiras lições da escola das eras, na era atual, porém, foi deixado para trás, e *todos* os que pertencem à presente dispensação iniciam a sua vida e educação espiritual numa esfera totalmente diferente e com um equipamento inteiramente superior.

Este equipamento é duplo, permitindo tais possibilidades e responsabilidades transcendentais; revelação plena de Cristo; não em tipos e símbolos, mas em realidade viva; na verdade, Ele mesmo sendo o Sacerdote, o Sacrifício, o Altar, o Propiciatório, o Tabernáculo, o Santo dos Santos, etc., etc.; e, então, o Espírito Santo é dado para fazer de Cristo, em tudo o que Ele é, uma realidade *interior* viva, de modo que possamos usufruir de tudo isso pelo poder da habitação do Espírito Santo. Mas Cristo é infinitamente mais vasto e mais completo do que jamais foi concebido pelo homem, e é a crescente revelação e

apreensão Dele pelo poder do Espírito Santo que mantém a vida do cristão sempre avançando e crescendo, para que o Cristianismo jamais possa ser um sistema estático, mas sim a expressão de uma vida em constante expansão. Daí o constante apelo recorrente: "Sigamos em frente", "Sigamos ... sigamos ..."

Capítulo 3

O Propósito Transcendental da Filiação

Tendo nós identificado em nossa consideração da mensagem da "Carta aos Hebreus" o objetivo universal, que é a plenitude de Cristo, precisamos agora cristalizar esse objetivo, ou vê-lo aqui cristalizado, no sentido Divino de filiação. . Este pensamento corre através da letra, mas em alguns momentos a nota principal é tocada com ênfase particular.

1. O FILHO. "Nesses últimos dias ... nos tem falado ... através de Seu Filho" (1:2). "Tu és meu Filho" (1:5). "Mas do Filho diz" (1:8). "Cristo como um Filho, sobre Sua casa (de Deus)" (3:6).

2. OS FILHOS "...trazendo muitos filhos à glória"(2:10). "Filho meu, não rejeites a correção do Senhor... e corrige todo filho a quem recebe... Deus trata com você como filho... o Pai dos espíritos" (12:5-7,9) (Veja também "irmãos", "filhos"). "Mas chegastes...à igreja dos primogênitos... inscritos no céu" (12:22-23).

A verdade central, então, em torno da qual todos os outros círculos, e à luz da qual tudo mais deve ser lido, é o mistério ou a natureza oculta da filiação. Não há coisa maior em toda revelação Divina do que o pensamento e o propósito da filiação. Mas esta carta mostra (como também outras partes do Novo Testamento) que a filiação não é um relacionamento inicial, mas um relacionamento final. Não é o que se entende por nascer de Deus ou ser filho de Deus, embora a filiação esteja implícita nisso, porém, é a maturidade e, portanto, a responsabilidade daqueles nascidos de Deus; é justamente esse o motivo de todas as exortações, súplicas, encorajamentos e advertências na carta, em um ponto colocado contra o crescimento indevidamente retardado nas palavras "Prossigamos até o pleno crescimento" (6:1). Apressemos-nos em mencionar que não estamos pensando ou falando de Deidade. Não somos chamados àquela filiação única que pertence somente a Cristo como Filho de Deus em termos de divindade, mas nos mantemos rigorosamente fieis ao que se entende pelo uso feito das palavras do Salmo 8 no capítulo dois desta carta com sua retrospectiva relação a Adão e sua relação futura com Cristo e com os "muitos filhos", "irmãos", "filhos", "companheiros". Assim, filiação significa crescimento

pleno espiritual que leva consigo a responsabilidade de governar o mundo vindouro (2:5).

A grande implicação, se não uma afirmação óbvia, desta carta como um todo é que todos os "filhos" de Deus que não "avançarem" em compreender qual é o verdadeiro objetivo de haverem nascido, embora possam não perder a vida eterna, porém, poderão perder a sua vocação, o seu "chamado", ou o propósito para o qual nasceram.

Assim, ao reconhecermos o objetivo governante desta carta, estamos aptos a nos ligarmos àquelas coisas que mostram o que significa filiação. Existem muitas ligações; podemos pegar apenas duas delas.

A primeira ligação óbvia é entre "Hebreus" e o quarto capítulo do Evangelho de João.

A Nova "Hora" do Filho

"... vem a hora em que nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o PAI... vem a hora, e AGORA É, quando os verdadeiros adoradores adorarão o PAI em espírito e verdade: ...Deus é Espírito e importa que aqueles que o adoram o adorem em espírito" (João 4: 21-24)(Ênfase nossa).

Agora, todos sabem que o objetivo principal dos escritos de João era o de revelar a Filiação de Cristo. Um estudo de palavras relevantes como "Pai", "Filho", etc., servirá como uma indicação inicial disso.

Mas uma segunda característica inconfundível desses escritos é a natureza essencialmente espiritual de tudo em relação a Cristo. Aqui está um exemplo simples. Com Cristo uma nova "hora", ou dia, ou dispensação chegou, e nesse novo "dia" palavras como geografia, lugar, construção material, associação tradicional, centro religioso ou hierarquia eclesiástica, tudo isso perdeu o seu valor. Agora o que há é uma relação interior de natureza espiritual entre Pai e filho. Assim, o capítulo quatro segue o capítulo três em João. "Hebreus" apenas desenvolve João 4 e nos dá o alcance e o conteúdo muito maiores de sua implicação. Assim, em primeiro lugar, a filiação é algo celestial. Sua origem está no céu: "nascido de cima" (João 3: 3, margem). Então, é algo interior, tipo uma fonte celestial, que salta para a vida eterna (João 4:14), e de forma nenhuma é algo terreno. "Nem neste monte e nem em Jerusalém." Não é histórico, mas eterno; não é temporal, mas espiritual. Como a Carta aos Hebreus passa tão rapidamente do pessoal para o corporativo, do individual para a família, assim, em "João" há um ponto

distinto onde há uma transição dos muitos incidentes pessoais e individuais para a reunião de todas essas características separadas num organismo corporativo em que a plena glória do Filho e da filiação deve ser expressada. Essa consumação é alcançada no capítulo 17.

Outra ligação claramente definida entre "Hebreus" e os Evangelhos é vista na Transfiguração, que nos mostra a filiação em sua consumação, como o que acabamos de dizer, mostra a filiação em sua iniciação e natureza.

A Consumação da Filiação

No monte da transfiguração, três coisas são observadas. a. Moisés e Elias; correspondendo a "muitas vezes e de muitas maneiras" (Hb 1:1).

b. Jesus glorificado; correspondendo a "vemos Jesus ... coroado de honra e de glória" (Hb 2:9) (Veja também II Pd 1:16-18). c. "Ouça-o"; correspondendo a "Deus ... nesses últimos dias nos tem falado através de Seu Filho" (Hb 1: 2).

Assim, temos, a. Uma nova dispensação: b. Tomando o seu caráter a partir de Jesus no céu, glorificado. c. A absoluta plenitude e finalidade da obra e da palavra de Deus em Seu Filho.

Lembre-mos aqui do supremo conflito que já circulou em torno deste assunto da filiação. No caso do próprio Senhor Jesus, a filiação foi o ponto focal de toda feroz controvérsia e de todo ódio amargo. Ela foi alvo do ataque pessoal direto de Satanás: "Se tu és o Filho". Mais tarde, demônios fizeram referência a ela através de pessoas endemoninhadas. A filiação foi alvo de ataque judaico, e encabeçou um assalto combinado do Diabo, demônios e homens, que culminou na crucificação de Cristo. Paulo não apenas considerou os Judeus culpados pela morte do Senhor, como também disse que os "principados e potestades" investiram contra Ele na cruz, mas Ele os despojou (Colossenses 2:15).

A batalha continuou, agora contra a Igreja, e quase todas as cartas do Novo Testamento têm como objetivo a exortação e o apelo aos cristãos para não estacionarem na infância ou na imaturidade espiritual, mas prosseguirem até a plenitude. Essa plenitude é o que significa filiação e o que está envolvido nela. Não há nada tão temido e odiado por Satanás e seus anjos do que a filiação em sua plena realização e expressão. Como "Príncipe deste mundo", tendo arrancado o reino e o domínio das mãos de Adão, ele agora o perde para o Filho de Deus - que também é o Filho do Homem; e a manifestação completa e universal dessa perda virá

com "a manifestação dos filhos de Deus", aquele Corpo de Cristo que é "a plenitude Dele", os "participantes da vocação celestial", a fim de receber o domínio sobre o mundo vindouro. (Rm 8:19; Ef 1:23; Hb.3:1; 2:5).

Qualquer ministério ou instrumentalidade que tenha o real e pleno crescimento espiritual e a filiação como sua função ungida irá enfrentar o que aquelas pessoas já experimentaram; primeiramente vinda do próprio inimigo de forma direta e ostensiva, depois de qualquer direção e meio que ele possa dispor. Se ele não puder destruir *diretamente*, ele buscará o método de subterfúgio de Balaão. Seu único método persistente através dos tempos tem sido desviar o povo de Deus do Filho para um sistema.

As Cartas aos Hebreus, aos Gálatas e aos Romanos são excelentes instrumentos de Deus em relação a isso. Assim, no início de "Hebreus", ao trazer os filhos e o Filho, a menção é feita sobre uma questão que é mais plenamente desenvolvida depois. É aquela acerca da

Morte em Relação à Filiação e à Plenitude Espiritual

A declaração inclusiva a esse respeito está no capítulo 2, versículos 9, 14 e 15:

"Que... Ele deveria provar a morte em lugar de (em nome de) cada homem ". "Que através da morte Ele reduzisse a nada aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo; e libertasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à escravidão".

A questão da vida e da morte é mais tarde retomada e aberta em relação à função sacerdotal. Arão e seus sucessores foram incapazes de levar alguma coisa à plenitude e ao seu propósito final, porque a morte se instalou em todos os casos e interrompeu a obra deles. Melquisedeque é, então, introduzido como tipo de outro sacerdócio. "Sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio nem fim de vida, mas feito semelhante ao Filho de Deus, permanece Sacerdote para sempre" (7: 3,16 e contexto).

Assim, você verá que a filiação, a vida eterna e a plenitude espiritual estão ligadas.

A morte é o grande inimigo da plenitude espiritual, mas morte - nesta carta e em qualquer outro lugar - não é apenas uma questão física. Israel é dito aqui como tendo morrido no deserto, e isso é usado como um

aviso para os cristãos. Mas os avisos têm a ver com o *propósito* da salvação em sua plenitude. A morte é algo espiritual; é um inimigo que está sempre procurando emboscar o filho de Deus. Portanto, toda esta carta é um documento sólido e abrangente e um tratado sobre o fato de que a vida espiritual pode ser reduzida, interrompida e impedida de suas possibilidades ao serem os filhos de Deus trazidos, mesmo de forma religiosa, para uma posição terrena, com todas as armadilhas de uma dispensação passada, perdendo, assim, a posição essencialmente celestial e espiritual. O escritor fala de "obras mortas" (6:1).

No capítulo 1, versículo 5, temos uma citação do Salmo relacionado diretamente à filiação em Cristo.

"Tu és Meu Filho, hoje te gerei." Essa citação é feita novamente no capítulo 5, versículo 5, em relação ao Seu Sacerdócio eterno. Em Atos 13:33, a mesma citação é feita como prova profética da ressurreição de Cristo e, assim, a filiação e a ressurreição estão ligadas. Isso não significa que Cristo não era Filho antes da ressurreição, mas o Novo Testamento mostra que na ressurreição há uma característica da filiação que não havia antes, a saber, que, na ressurreição, Cristo é "o primogênito entre muitos irmãos". Como diz Pedro, "nos gerou pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos". Nós não somos incorporados em Cristo como Filho de Deus no sentido da Deidade, mas como Filho do Homem em uma nova família da criação.

Por ora, então, a questão é que a nova vida da união com Cristo na ressurreição, como o princípio da filiação, não deve ser colocada nos velhos odres das tradições e sistemas terrenos, mas sim nos novos odres de uma ordem inteiramente celestial e espiritual. Esta foi provavelmente a finalidade desta carta. Possivelmente foi escrita como um apelo ao forte segmento de cristãos Hebreus que havia em Jerusalém, que achava a tendência crescente do Cristianismo demais para os seus hábitos conservadores de pensamento Judaico. Como a rachadura entre o Templo e a Sinagoga, de um lado, e a Igreja e os Apóstolos, do outro, tornava-se cada vez mais visível, os Judaizantes estavam inclinados a trocar os novos laços pelos velhos. O vinho novo estava estourando os odres velhos e, como muitos hoje, eles não estavam preparados para tanto. Mas as questões eram e continuam sendo infundáveis.

Assim, chegamos a uma daquelas questões infundáveis que estão mexendo com muitos cristãos e grupos cristãos hoje, a questão da

A Plenitude da Vida em Cristo

Sim, vida em plenitude, essa é a questão. Muitos grupos de cristãos que têm um grande passado e grande tradição estão profundamente preocupados com a inadequação ou falta de vida entre eles hoje. Essa pobreza de vida está despertando grandes esforços organizados, principalmente fora das igrejas, a fim de se tentar buscar a plenitude. A falta de plenitude tem sido a causa do desenvolvimento anormal de muitos movimentos e ensinamentos espúrios e pseudo-espirituais. Por falta de plenitude, multidões de pessoas estão considerando as igrejas como coisas que não têm qualquer valor. O grande inimigo tem triunfado de muitas maneiras sobre a Igreja ao neutralizar seu impacto e testemunho de vida. Uma forma bastante abrangente dessa conquista do inimigo é o ponto específico desta nossa carta. Transforme o Cristianismo em Judaísmo, ou seja, num sistema religioso terreno de preceitos e práticas, e você o faz morrer! Não é esse o ponto no capítulo 6:1-6? Eu não sou daqueles que acreditam que o Apóstolo estava se referindo às ordenanças judaicas. Algumas das minhas razões para isso são as seguintes. O capítulo 6: 1-6 deve ser lido estritamente em conjunto com o capítulo 5: 12-13. "Os rudimentos dos princípios (ou elementos) dos oráculos de Deus" são os mesmos que os "primeiros princípios de Cristo", ligados entre si pela conjunção "Portanto". As ordenanças Judaicas não foram os primeiros princípios de Cristo. Elas eram as "obras mortas" mencionadas na frase "Arrependimento das obras mortas". "O ensino de batismos" não se refere à "lavagens" Judaicas. É o *ensino* sobre a diferença entre o batismo de João (ou qualquer outro) e o batismo em Cristo. Atos 19: 1-6 deve resolver isso conclusivamente; e observe o contexto de 18:25. (Que pena que os capítulos estejam divididos dessa maneira, em vez de depois de 18:23!) Neste mesmo lugar (Atos 19: 6), a "imposição de mãos" (Hb 6:2) é vista como uma doutrina de Cristo, e não uma ordenança judaica. Não, o ponto do Apóstolo é que, havendo ele colocado esse fundamento de seis faces, devemos agora "prosseguir para o pleno crescimento". A vida se inicia na fundação, porém, sua plenitude requer o edifício inteiro. O perigo é que até mesmo os princípios elementares podem vir a se tornar outro sistema legal imposto às pessoas, e assim, aquilo que foi destinado a nos levar para a plenitude de vida pode ele mesmo se tornar uma prisão. Satanás é muito inteligente.

A recuperação da vida e o seu crescente aumento até a plenitude somente acontecerá quando nos afastarmos da mera tradição e da

mundanidade para uma nova apreensão viva de Cristo em Sua plenitude como uma Representação Divina dos pensamentos de Deus para Seu povo; longe de tipos, figuras, símbolos, para realidades espirituais. Mesmo que haja expressões tais como "princípios rudimentares", elas devem vir para a realidade viva, e não serem meras formas e coisas em si mesmas. Não devemos fazer nada com o objetivo de perpetuar formas de doutrina e prática, mas a expressão deve ser esta de vida, e o significado espiritual e o valor de tudo deve ser crescimento contínuo. Só assim conseguiremos "avançar para o crescimento pleno".

Capítulo 4

Como a Vida é Mantida - O Princípio da Nova Aliança

Em nosso último capítulo, demos ênfase especial à necessidade de que tudo seja preservado na vida, opondo-se até mesmo a um Cristianismo que vier a se tornar outro sistema de "obras mortas". Pois, o que o escritor (da Epístola aos Hebreus) disse ser necessário quanto ao Judaísmo em seu tempo, tornou-se agora uma necessidade em relação a grande parte da cristandade, ou seja, "arrependimento de obras mortas" (6: 1).

Neste capítulo, reuniremos nossos pensamentos em torno de um princípio implícito em todo o propósito e argumento da carta. É aquele de como a vida é preservada e mantida. Este é um dos assuntos mais difíceis de transmitir, a menos que haja uma medida real de compreensão espiritual, e ele pode muito bem sofrer da mesma forma que as "muitas coisas" referentes a Melquisedeque, no capítulo 5:11. No entanto, a situação espiritual hoje é tal que justifica qualquer esforço em resolvê-la.

A primeira fase do problema é a seguinte: visto que há uma gama de doutrina e prática cristã incorporada no Novo Testamento, e que certas crenças e práticas claramente definidas representam a substância ou fundamento do Cristianismo, que a elas nada deve ser acrescentado ou delas nada deve ser subtraído, será possível que o Cristianismo possa não vir a se tornar um sistema, uma tradição ou uma forma? Existem algumas frases no Novo Testamento que parecem implicar que sim. Poderia parecer impossível evitar que isso ocorresse, uma vez passadas a primeira novidade e a maravilha do primeiro século, e uma era suceder a outra no ensino, no trabalho e na prática cristã. Porém, aceitar tal conclusão e posição é realmente violar os fatos mais vitais e cruciais no Cristianismo do Novo Testamento, e concordar com um estado de coisas que é uma caricatura e a negação ou contradição de Cristo. Se o Cristianismo *fosse* um sistema de verdades e práticas, então, aí sim o resultado acima mencionado seria inevitável. Mas ele não é! O Cristianismo é uma Pessoa viva, conhecida apenas no poder do Espírito Santo. Sim, e conhecida não de uma só vez, mas através de uma

continua e crescente revelação do Espírito Santo. Isso nos leva ao seguinte ponto.

A Velha e a Nova Revelação

Na carta que ora contemplamos, entre muitas comparações e contrastes entre o que foi e o que é, referência é feita às duas Alianças. Antes de considerar o ponto crucial da diferença entre os dois Pactos, lembremos da natureza e do significado de um Pacto Bíblico.

Primeiramente, um Pacto era uma expressão, revelação ou conhecimento dos pensamentos, da mente, dos desejos e da vontade de Deus. Nessas apresentações da mente de Deus, o caráter e a natureza de Deus eram revelados. Quando lemos os termos do Pacto, podemos dizer: Deus é assim.

Então, mediante essa revelação de Si mesmo, Deus se oferecia e se movia, a fim de levar o Seu povo para um relacionamento ativo com Ele mesmo quanto ao Seu propósito e destino. Deus fez um Pacto com o Seu povo nessa base. Era um acordo mútuo que - caso os termos fossem aceitos - então Deus cumpriria as promessas.

O Pacto era selado e ratificado por meio de sangue. O sangue era providenciado por Deus e simbolizava a vida. De um modo prescrito por Deus, o homem - a outra parte do Pacto - tinha que participar por meio de um ato de identificação com o doador do sangue. Então, o ato tornava-se um caso de compartilhamento de vida. Era isso que tornava o sangue tão sagrado nos tempos do Antigo Testamento. Naturalmente isso abre todo o terreno do Pacto de Sangue, porém, nós aqui estamos dando apenas uma pincelada nesse assunto. Violar os termos do Pacto era romper o próprio vínculo da vida. O ponto central de todo aviso e juízo era a idolatria, que era fornicção espiritual, ou - em princípio - uma mistura ilegal de sangues - isto é, de vidas.

Agora podemos chegar ao coração da Carta aos Hebreus. Esses Hebreus iriam entendê-la perfeitamente. Olhe novamente para o Sangue, a Vida e o Pacto nesta carta. Aqui somos capazes de apreciar toda a questão da filiação, com a qual lidamos no último capítulo. Mas aqui somos levados diretamente para o aspecto dominante da Pessoa de Cristo.

A Pessoa Viva Governa Tudo

Não, não é um novo sistema de verdades. Não é uma religião nova e superior. *É uma Pessoa Viva de quem as verdades e práticas são apenas características espirituais.*

Vamos olhar isto de forma sucinta em três aspectos.

Primeiro, a Carta aos Hebreus (e de fato todo o Novo Testamento) não diz que temos que vir a crer e aceitar certas doutrinas como as mencionadas no capítulo 6 - Arrependimento, Fé, Batismo, Imposição de Mãos, Ressurreição dos mortos Julgamento Eterno - para podermos ser Cristãos Neotestamentários. Embora a passagem pareça contradizer essa afirmação, nós insistimos nisso, pois é sobre isto que cremos repousar toda a questão da vida e da morte. É aqui também que repousa um grande perigo em relação à pregação e à propagação da verdade do Novo Testamento. Se essas questões têm um lugar, como de fato têm, esse lugar é subsequente à outra coisa. Não soa estranho - à luz de certas Escrituras - dizer que, *em primeira instância*, nós *não* somos comissionados a pregar o arrependimento? Embora possa soar menos estranho sermos informados de que o mesmo também se aplica ao batismo, etc., contudo, isso é verdade tanto em relação a um como ao outro! O Espírito Santo sempre procura e garante um cenário e uma ocasião para despertar uma reação da parte do homem, e não apenas que os homens sejam informados de que devem fazer determinadas coisas. Não, esta carta, como toda a pregação e ensino do Novo Testamento, é aberta com uma revelação e apresentação da Pessoa de Cristo em plenitude viva. Era sempre e somente quando as pessoas eram convencidas pelo Espírito Santo quanto à suprema soberania do Senhor Jesus e estavam ativamente prontas a se renderem completamente a Ele é que essas outras coisas se tornavam uma expressão viva e ardente dessa rendição. Enquanto as pessoas realmente não enxergarem Cristo pela revelação do Espírito Santo ou pela iluminação e convicção, não havia motivo suficiente para o arrependimento e para as demais coisas. Não é simplesmente arrependimento pelos *pecados*! Isso tornaria a salvação uma questão meramente de grau, conforme o número ou a natureza dos pecados. Mas é tudo uma questão de Pessoa. "Do pecado, porque não creem em Mim" (João 16: 9). Portanto, a pregação do Novo Testamento era uma proclamação de Cristo - crucificado, ressuscitado, exaltado, glorificado - com todas as suas implicações e desafios. O caminho do Espírito Santo para derrubar e desenraizar os falsos sistemas e posições nunca foi

esse de expor a falsidade, mas o de trazer Cristo à vista, em Sua plenitude! A coisa é sempre positiva, nunca negativa. Portanto, é a sombra de um Homem Glorificado - o Filho de Deus - que repousa sobre todos os detalhes da carta aos Hebreus e, também do Novo Testamento como um todo.

Segundo, todas as verdades e práticas são apenas

Características da Pessoa Viva

e devem ser vistas à luz da revelação inclusiva dessa Pessoa. Tome as questões referentes, em particular no capítulo 6. O "Batismo" não é uma ordenança, é Cristo expresso na morte e ressurreição como representando a velha criação julgada e condenada, e a nova criação que é totalmente vinda de Deus sem qualquer traço de julgamento sobre ela. O batismo, então, é o modo pelo qual um crente declara que ele ou ela foi crucificado com Cristo e, embora vivendo, ainda assim, não é ele mesmo de fato quem vive, mas Cristo.

A Nova Aliança, em primeiro lugar, está no sangue de Cristo, isto é, em Sua vida e na participação em Sua natureza como "primogênito entre muitos irmãos". Dê uma olhada novamente no capítulo 2 desta carta.

A "imposição de mãos" no Novo Testamento significa que Cristo não é agora um indivíduo isolado e separado, mas a Cabeça da Igreja - Seu Corpo - e que a unção do Espírito derramado sobre a Cabeça é para todos os membros ligados a ela e também uns aos outros; o Espírito sendo o poder, a sabedoria, as capacidades, as qualificações, as energias e os dons para o funcionamento do Corpo como um Corpo celestial. Assim, com a imposição de mãos *logo no início*, o Espírito *demonstrava para sempre* que Cristo e Seus membros estão unidos para a realização dos conselhos eternos. Isto não é uma ordenança, é Cristo corporativamente expresso.

É desse modo que toda doutrina e prática devem ser vistas. Não meramente como coisas em si mesmas, mas como características da Pessoa Viva, e elas devem sempre guardar essa relação.

Terceiro, e aqui chegamos ao princípio que é o cerne de tudo. Nada do que está no Novo Testamento pode ser tomado e transformado num sistema só porque está escrito. Não há qualquer sistema de doutrina ou procedimento dentro dessa vasta bússola chamada de "Cristianismo", por mais divergente ou contraditório que seja, por mais nominal ou extremo, por mais fantástico ou duvidoso, que se apoie ou que se

sustente no Novo Testamento. Não há garantia de que haverá vida só porque um corpo ou uma estrutura tenha sido montada e construída de acordo com uma técnica neotestamentária. Muitos esforços foram feitos para se reconstruir a "Igreja do Novo Testamento", na crença de que quanto mais próximo do modelo, mais seguro e mais completo o compromisso Divino. Isso simplesmente não funciona! A ordem da Nova Aliança é justamente o contrário do Antigo Testamento. No Antigo Testamento Deus escreveu sobre tábuas de pedra e apresentou isso como sendo uma completude tangível e objetiva. No Novo Testamento, porém, o Espírito de Deus - *habitando em nosso interior* - escreve em nosso coração e na nossa mente. No Velho Testamento Deus aparecia em glória inacessível e insuportável, de modo que os homens eram devastados por Sua presença. Agora "Deus ... brilhou em nossos corações para a iluminação do conhecimento da Sua glória na face de Jesus Cristo" (veja 2 Coríntios 3, 4 e 5).

A Face de Jesus Cristo. A glória de Deus na face de Jesus Cristo. O conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo. A luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo.

Em nossos corações a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo.

Agora, o ponto crucial é o seguinte. O princípio da Nova Aliança é em primeira mão uma revelação individual de Cristo como o conhecimento de Deus em termos de glória no coração do crente. Todo crente individual só consegue entrar no verdadeiro Cristianismo através da revelação de Cristo em seu coração, de modo que esse conhecimento seja tão real quanto quando Deus ordenou que a luz brilhasse nas trevas. Mas isso não é tudo. Esse brilho deve ser progressivo. Cristo é muito vasto para que possa ser visto de uma vez só em graus de minuto. O tronco principal do Novo Testamento tem o objetivo de fazer com que os cristãos enxerguem quão imenso é esse reino no qual eles foram introduzidos e como eles devem avançar; esse é o objetivo da carta que estamos considerando.

O Cristianismo só pode ser mantido vivo, renovado e cheio de impacto, à medida que os cristãos forem vivendo uma crescente compreensão de Cristo, à medida que o Espírito Santo for revelando Cristo em seus corações.

Essa compreensão só pode vir quando a necessidade nos é imposta em razão do sofrimento e da provação. A capacidade aumentará com o

alongamento do sofrimento (veja o capítulo 12 e leia "treinamento infantil" para "castigar"). Não há outro legado no Cristianismo além desse da revelação de Cristo ao coração dada pelo Espírito Santo. O Cristianismo não é um sistema a ser perpetuado, mas uma vida a ser experimentada. O valor das Escrituras é que elas contêm profundidades e plenitudes que nunca foram sondadas; e, quando falamos de "revelação", não nos referimos a nada que esteja fora das Escrituras, mas daquilo que está contido nelas, conhecido apenas pela "escrita" interna e "brilhante" do Espírito Santo. O grande perigo em que tem caído a cristandade é o de tornar tediosa a vastidão de Cristo, colocando-O numa estrutura de credos, cada um dos quais buscando ser o começo e o fim da questão. Além disso, a Igreja e seu trabalho foram reduzidos a uma fórmula, e não há mais espaço para qualquer coisa que vá além dessa fórmula. É bem possível - e de fato às vezes tem ocorrido - que o Senhor lance um frescor e plenitude de luz sobre alguma declaração escriturística da verdade a ponto de transformá-la, revolucioná-la e conduzi-la a uma vida e a um ministério inteiramente novo; e isso sem qualquer contradição de seu significado essencial e verdadeiro. Existe tal coisa como o de reduzir a verdade a uma tradição, bem como o de deter a verdade em injustiça (Rm 1:18).

Vamos tentar resumir o que dissemos e queremos dizer. (1) É muito duvidoso que um sistema completo de doutrina e procedimentos possa ser reconstruído a partir do Novo Testamento, de modo que em todos os assuntos possamos ter uma resposta precisa para cada pergunta sobre o que deve ser feito, e como deve ser feito em algum dado momento. Certamente existem verdades basilares e fundamentais, porém, ainda assim o Espírito Santo continua sendo necessário.

(2) Além disso, é duvidoso afirmar que o Senhor realmente queria que houvesse tal estrutura verbal completa; para que tudo pudesse ser aplicado, repetido e duplicado de forma mecânica.

(3) O único caminho vivo para a realização do propósito e intenção divina é pela assimilação dos princípios espirituais. Quando tais princípios forem absorvidos, então, aí sim o objeto, os meios e os métodos de sua expressão são apreciados de uma forma *viva*.

Por exemplo: (a) A Filiação. Quando reconhecemos que a filiação é um pensamento Divino pleno, e não apenas algo inicial, como o nascimento, então teremos o real motivo para "prosseguirmos rumo ao crescimento pleno". Isso é um princípio.

(b) União, Vida e Serviço Corporativos. Quando enxergamos o princípio *corporativo* que governa a plenitude espiritual, e entendemos que não é possível a nenhuma unidade do Corpo de Cristo chegar à plenitude sem que haja um relacionamento com os demais membros do Corpo, então compreenderemos a verdadeira natureza do trabalho, modo e propósito de Deus e, dentre outras coisas, ainda teremos a mais poderosa motivação para mantermos a comunhão.

(c) A revelação do Espírito Santo em termos de vida. "A lei do Espírito de vida" é o princípio operante em tudo aquilo que é de Deus. Uma coisa pode estar estampada na Bíblia, e podemos até tê-la lido milhares de vezes, porém, enquanto o Espírito Santo não nos trazer vida, tal coisa permanecerá infrutífera. Portanto, há lugar e necessidade de uma revelação interior da Palavra de Deus. Nada pode ser mantido vivo ao longo das gerações, exceto quando cada um que adentre nesse terreno faça isso com base numa pessoal, interior, viva e *crescente* revelação da verdade, para que o *princípio* e *origem* seja constantemente replicados na experiência.

Esses são princípios. A Epístola aos Hebreus foi chamada de o Livro do Céu Aberto, e este é o seu significado.

Capítulo 5

"Os Que Têm Fé"

Você terá lido muitos livros e ouvido muitos discursos sobre o clássico Hebreus onze: "Os heróis da fé"; "O rol dos que têm fé"; e é de se duvidar que este capítulo já tenha sido usado, no todo ou em partes, sem que seja para servir de *exemplo* de estímulo à fé. E com razão. Porém, poucas vezes ouvimos ou lemos alguma coisa sobre este capítulo que tome todo o contexto da carta como o seu verdadeiro objeto. O capítulo normalmente é tomado de forma isolada, juntamente com as primeiras palavras daquilo que geralmente é acrescentado.

O que desejamos indicar aqui é que, na verdade, o capítulo 11 é o apóstolo sintetizando toda a sua temática, quando, então, começa a finalizar a carta. Ele apresentou Cristo "coroadado de honra e de glória". O Filho de Deus em singularidade de filiação; e, então, mostrou o propósito Divino de se assegurar e de levar muitos filhos à glória, não em relação à Deidade, mas no sentido de se tornarem participantes de Sua encarnação, e isso através da "adoção". O Apóstolo mostrou que tudo em relação a Deus nesta dispensação é de natureza espiritual e celestial, e não mais temporal e terrena. Ele insistiu que a plenitude espiritual em Cristo é o objetivo do chamado do crente, e que é terrivelmente possível fracassar em relação a isso, com graves consequências.

Agora, quanto a tudo isso, e seus valores para o povo de Deus, ele mostra, através de exemplos triunfantes, que a fé é o elo entre o chamado e o destino, entre o propósito Divino e sua realização.

A Característica Suprema Da Vida De Fé

é que o povo de Deus é provado por sua posição. Não há mais teste de posição além daquele a que os crentes são chamados nesta dispensação. Deus não nos prometeu nada nesta terra nesta dispensação que possamos reivindicar perante os homens, a literal e material justificação do nosso abandono de tudo por causa dEle. Quanto mais nos aproximamos do propósito Divino, mais longe ficamos daquilo que pode estar "escrito", apontado e anunciado como resultado de nosso trabalho. Tais coisas pertencem aos estágios elementares da

vida, e Deus nunca os prolonga. Seu trabalho mais sólido e duradouro acontece no subterrâneo, onde o caçador de sensações não consegue alcançá-lo, e onde, ao departamento de publicidade, ficará difícil publicá-lo. Se a fé é realmente *fé*, e se no tempo do fim a fé deverá ser bem mais desafiada do que o foi em outros tempos (e as Escrituras enfaticamente dizem que assim será), então, na consumação de todas as coisas, haverá muito menos espaço para a fé de vista do que houve em outros tempos. Mas este princípio permanece válido em todos os tempos *quando Deus está à procura de algo que não seja superficial*. As pessoas mencionadas em nosso capítulo foram todas provadas por sua posição. Isto é muito claramente visto em Abraão, e em Israel com Moisés. Deus estava lá e agia na linha das respostas materiais à fé, mas eles foram severamente provados pela posição em que foram colocados por Deus.

Agora estamos numa era espiritual, e é este fato que constitui a prova que poucos cristãos estão aptos a aceitar. Se algo se torna grande, ou se pode se tornar grande: se nomes e títulos de fama e importância mundial o patrocinam, ou se podem ser persuadidos a fazê-lo: quanto resulta disso tudo! Quão gratificante é para a carne quando as coisas parecem estar indo bem! Sim, ainda somos muito apegados a este mundo, e não conseguimos ver quão insignificante fica a maior coisa aqui da terra quando vista a mais de dez mil pés de altitude, para não falar do trono de Deus e de Sua medida espiritual.

O que o nosso escritor está realmente dizendo é que a verdadeira medida é a da fé, porque o reino no qual somos agora chamados é aquele em que não há nada fora da fé. O primeiro estágio agora é o da fé, e assim o é em todo aumento subsequente. A dispensação toda é um imenso avanço para o alto no pensamento Divino, e isso estabelece um pano de fundo para algo muito mais interno do que antes. Nas dispensações anteriores tudo era exterior e tangível - sacrifícios, altares, locais de reunião, sacerdotes, paramentos, festas, recompensas, etc.; mas na presente era, todas essas coisas são reunidas no abrangente "Em Cristo", e são essencialmente aspectos espirituais do Único Homem Celestial, a ser conhecido, apreciado e compreendido apenas pela fé. As longas gerações de satisfação emocional em coisas religiosas estavam no sangue desses Hebreus, os quais ansiavam pelo sistema físico, emocional, visual e auditivo do passado. Assim, tudo o que é dito desde o início da epístola é levado ao mais espiritual de todos os atributos - a fé, a qual opera pelo amor.

As sobrecargas que impedem o desenvolvimento da corrida do capítulo 12:1 são os aspectos legais da Lei externa. O "pecado que tão de perto nos rodeia" é a dúvida ou a incredulidade, e a "infidelidade"; porque "tudo o que não é de fé é pecado".

Assim, o pecado, nesta carta, é visto não como uma questão de moralidade, mas de quanto nós invertemos a natureza da dispensação, colocando elementos temporais e ideias humanas no lugar do espiritual. Talvez nunca tenha ocorrido a muitos cristãos que, nesse contexto, rituais, vestimentas e insígnias e formas eclesiásticas possam ser pecado, por minarem, suplantarem e enfraquecerem a verdadeira espiritualidade, pois, ao invés de ajudarem a fé, apenas atuam como muletas que impedem as pessoas de terem "os seus sentidos (faculdades espirituais) exercitados" (Hb 5:14).

Isso nos leva em sequência ininterrupta de pensamento ao que está (em nossas infelizes divisões mecânicas de capítulos) no capítulo 12. Aqui os "pais da nossa carne" e o "Pai dos espíritos" são confrontados. Disciplina de crianças para que sejam "recebidas como filhos" (literalmente, "sejam colocadas na condição de filhos") tem a ver com o nosso espírito; não em primeiro lugar com os nossos corpos ou nossas almas. O espírito é o próprio homem novo com o qual Deus está ligado através do novo nascimento. Todas as atenções paternas de Deus estão voltadas para este "homem interior do coração". O espírito realmente não pode ser alimentado com coisas temporais. A alma pode ser grandemente estimulada através de bênçãos do reino temporal, mas é aqui que uma das distinções mais vitais e de maior alcance é feita pela Palavra de Deus, uma distinção das mais dolorosamente negligenciadas por vasta maioria de cristãos, especialmente pela maioria dos líderes cristãos. Acredita-se que se houver muito estímulo da alma através da emoção, do sentimento e do "zelo" ou entusiasmo: razão, argumento, informação para a mente, e ação, trabalho, impulso, volição, que isso essencialmente é a marca de uma vida espiritual. No Novo Testamento, é o contrário; havia uma profunda obra interior do Espírito Santo naqueles dias, antes dos efeitos - a instrução ou ensino, o zelo e as obras. Colocar a carroça na frente do cavalo nessa questão pode ser apenas uma grande ilusão de Satanás, pela qual ele produz as reações mais mortíferas, de modo que o depois seja mais desesperador do que o antes. A esta altura, pode ser bom lembrarmos de que, na conquista do homem, o alvo de Satanás foi a alma humana - razão, argumento, desejo, sentimento, volição, escolha, ação. Através de sua alma o homem se

enveredou por um caminho de incredulidade, o que acabou separando o seu espírito da comunhão com Deus. (Deus é espírito, não alma. Quando Deus é referido como tendo alma, isto é apenas uma maneira de falar segundo a linguagem humana, mas isso não reflete realmente a verdade a respeito de Deus.) A anulação ou a destruição das obras do diabo no homem se dá através do renascimento do espírito do homem em união com Deus pelo Espírito Santo, e, uma vez "ligado ao Senhor, formando um só espírito com Ele", isso leva o homem espiritual ao pleno crescimento (Hb 5:14, 6: 1; RV) trazendo, assim, a alma em sujeição com seus humores, variações, e sua inerente fraqueza na direção à dúvida. O "domínio" do capítulo 2 está agora reservado para pessoas espirituais, e este é o coração de toda a Carta aos Hebreus, bem como de todo o Novo Testamento em sua múltipla aplicação.

O "posicionamento como filhos", que é o propósito da "disciplina infantil", isso é "crescimento espiritual pleno". Aqui está a ligação entre os capítulos 11 e 12. Não foi apenas o que aqueles heróis da fé fizeram através da fé, mas sim o que eles alcançaram. A meta da comunhão com Deus é "perfeição". A palavra "perfeito" (no grego: "completo") é usada oito vezes nesta carta.

"Tornar perfeito o Autor da salvação deles" (2:10). "Tendo sido aperfeiçoado, tornou-se ... o Autor da salvação eterna" (5:9). "A lei nada tornou perfeito" (7:19), etc., e assim, tendo mostrado o objetivo de Deus, e incidentalmente desta carta, o escritor nos leva a duas afirmações consumadas:

a. "Para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados" (11:40). b. "Mas chegastes ... aos espíritos dos justos aperfeiçoados" (12:23). Deixamos o segundo para depois, só observando novamente onde está a perfeição.

Assim, com toda fé que eles tinham, em sua multiforme e maravilhosa expressão, duas coisas ficam salientes:

a. Eles "não alcançaram a promessa", mas "morreram (ainda) na fé". Eles aguardavam a perfeição ou completude; o fruto pleno da fé deles ainda tinha que amadurecer para ser colhido. b. "Os espíritos dos justos aperfeiçoados." "Para que eles sem nós não pudessem ser aperfeiçoados" (tornados completos).

Nota: Não se trata de completude numérica; que precisávamos ser adicionados a eles. Isso pode ser verdade, mas não é o sentido aqui. O que está em questão é a própria completude deles.

Algo aconteceu, então, entre a morte deles e a chegada do nosso tempo. Sim; a fé deles, em essência, era prospectiva. Ela olhava para frente. Veja as afirmações sobre isso no registro do capítulo 11, etc. Para onde este capítulo apontava? Bem, com maior ou menor clareza e definição, apontava para o Cristo, o Defensor, Redentor e Príncipe deles. Este *vínculo* de fé - não fé abstrata, mas seu Objeto Divino - transformou a fé numa fé justificadora; "foi contada como justiça." Por isso eles são homens "justos" ou justificados, e a fé deles os levou ao longo dos séculos para o Justificador, para os nossos dias; e na "perfeita" (acabada, plena e final) obra e palavra de Deus em Cristo (Hb 1: 2) eles, juntamente conosco, são tornados completos, e seus espíritos estão no descanso da fé.

Assim, "a fé é a certeza (confiança, dar substância a) das coisas que se esperam, uma convicção de coisas que não se veem". Alguém traduziu como "a escritura" de coisas que se esperam. Então, a herança é agora - finalmente - alcançada.

Em nosso próximo capítulo, teremos algo mais a dizer sobre esse assunto, com base no capítulo 11, à medida que avançamos para a segunda parte do capítulo 12.

Capítulo 6

"Coisas Melhores"

Em nosso último capítulo, chegamos à questão da "completude" como o objeto governante da fé de todos aqueles mencionados em Hebreus 11. "Para que sem nós eles não fossem aperfeiçoados (tornados completos)". Agora tomamos isso em relação ao versículo que o precede. "Deus providenciou (previu) algo melhor a nosso respeito". Salientamos que este "tornado perfeito" ou "tornado completo" tinha a ver com justificação ou a justiça pela fé. "E todos esses... receberam bom testemunho por meio da fé", ("Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça", "Portanto... isso lhe foi imputado como justiça"; Romanos 4: 3,22, etc.), tornando-os "homens justos" (Hebreus 12:23) primeiro potencialmente através da fé, e, então, na verdade, quando o objeto da fé, o Cristo, veio e tornou a obra da justiça perfeita. Agora temos que levar essa fé mais adiante quanto aos seus resultados.

Em um capítulo anterior, tratamos da "filiação" como sendo a suprema revelação Divina, tão mostrada nesta carta aos Hebreus. Temos que voltar a isso por um momento nesta nossa conexão atual. É tremendamente impressionante ver quanto o referido no capítulo 11 se relaciona diretamente com Cristo em tipo e figura, e, também, quão grande destaque tem a filiação aí.

Ninguém vai contestar a tipicidade de Abel, em relação à virtude do sangue de Cristo (12:24); de Isaque, em relação àquele que ressuscitou dos mortos; de José, em relação àquele que foi exaltado à "destra da Majestade nas alturas" - três estágios na trajetória de Cristo. Mas a filiação está patente ou latente em tudo isso. Nós não vamos entrar nos detalhes, mas os exemplos são claros, no caso de Abraão e Isaque; de Jacó e José; do nascimento de Moisés, etc. O ponto, porém, é que a filiação e a plenitude espiritual são a mesma coisa, e é disso que trata esta carta. A fé é mostrada como sendo a base da perfeição espiritual e por isso ela leva à filiação.

Para indicar algo da natureza dessa filiação, tomemos um personagem do capítulo 11 - Davi. Sem dúvida, a fé de Davi está ligada à "obtenção de promessas" (verso 33). Veja II Samuel 7:11-12; I Crônicas 22:9, etc. Essas promessas tinham a ver com um filho; um divinamente marcado

entre muitos outros (I Crônicas 28:5). Esse filho seria o exemplo mais completo da Bíblia, em tipo, dos pensamentos de Deus quanto à filiação. Mas houve um ponto de transição na vida de Davi. Após muitos anos de correção - disciplina - numerosas e variadas experiências de sofrimento, de teste, e de provar a fidelidade do Senhor, chegou o ponto em que a única paixão da vida desse homem ficou evidente. Por isso ele tinha orado, ansiado e planejado. Era por isso que ele havia buscado; isso o tinha dominado a ponto de o fazer decidir não se deitar em sua cama, nem dar sono a seus olhos até que o seu objetivo fosse alcançado. Verdadeiramente podemos dizer que o único propósito de vida de Davi era ter uma casa para Deus. E agora, finalmente, ele revela ao profeta Natã o que estava em seu coração. Natã, sabendo que Deus estava com Davi, deu-lhe encorajamento instantâneo para fazer tudo o que estava em seu coração, apenas para ter que voltar um pouco mais tarde, sob o comando do Senhor, a fim de retirar esse encorajamento e dizer a Davi que ele não poderia cumprir o seu desejo nem realizar a sua ambição de vida *para o Senhor*. Que duro golpe! Que decepção! Que oportunidade de ficar ofendido com o Senhor! E que ocasião para a fé se congelar e o desespero tomar conta dele! Não seria ele, mas o seu filho é quem deveria construir a casa. Se todo esse assunto tivesse sido um projeto pessoal, se tivesse sido algo para a sua própria satisfação, bem poderia Davi ter ficado amargurado e passado os seus últimos dias lamentando e nutrindo o seu desapontamento. Mas não! Ele era um homem muito grande para agir dessa maneira. Desde que o Senhor possa ter a Sua casa, não importa quem irá construí-la, nem se é permitido ou não a Davi por a sua mão nesse negócio. Muito pelo contrário, ele irá dar do seu tesouro particular para que o projeto siga adiante. Que magnífico triunfo sobre a pequenez do homem!

Davi Alcança a Filiação

Assim, através do teste final da fé, Davi passa pela disciplina e alcança a filiação; e ninguém, afinal de contas, jamais consegue pensar em Davi sem essa grande questão da sua vida - o Templo e seu serviço; e ninguém pensa em Salomão sem lembrar de que ele era o filho de Davi. E mais, quão frequentemente Cristo é referido como sendo "filho de Davi".

Assim, podemos ver algo da natureza da filiação, que é a estatura, a medida e a grandeza espiritual. É a plenitude que nasce da disciplina. Traga isso de volta para Hebreus 11 e 12. A estatura espiritual é, em grande parte, determinada pela devoção total aos interesses do Senhor, pelo quão pouco nós entramos em cena, e pelo quanto estamos prontos

a servir aos propósitos do Senhor sem qualquer gratificação para nós mesmos, e sem colocarmos a nossa mão na obra do Senhor. "Pela fé... Davi ... obteve as promessas ".

O que dissemos acima constitui um cenário apropriado para o que temos como aplicação da mensagem, conforme se acha nos versículos 1-3 do capítulo 12.

A Corrida, Os Corredores, As Testemunhas, O Líder

Antes de prosseguirmos, precisamos corrigir um possível erro doutrinário. O apóstolo toma um espetáculo comum que ocorria na arena como ilustração. O estádio, a pista de corrida, os corredores, os espectadores e o líder. Mas isso não significa que ele queria que pensássemos que a "tão grande nuvem de testemunhas" está interessada em nossas vidas aqui neste mundo. Não há nada nas Escrituras que sustente essa ideia, o que nos faz acreditar que não seria nada interessante se elas soubessem tudo sobre a nossa fé vacilante e instável progresso. Coloque-se no lugar delas! Ao invés disso, o Apóstolo nos faz pensar nessas pessoas como tendo deixado um testemunho como legado de vida, e que, de alguma forma, elas estavam ligadas a nós no caminho da fé, de modo que os interesses finais delas e os nossos sejam um só. Mas, observadoras conscientes do nosso curso natural - Não! Elas realmente mostram que, em todas as eras, não apenas nesta, a fé tem sido a lei e o fator preponderante. A fé liga todas as eras num único objetivo - plenitude. Bem, então, esta é uma carreira a ser completada, e tudo o que causa fraqueza na corrida deve ser repudiado.

Nós já assinalamos que, no contexto de toda a carta, o "peso" é o sistema legal. "Eles atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os colocam nos ombros dos homens" (Mateus 23: 4). Isso se refere às intermináveis definições e interpretações da Lei feitas pelos escribas ou advogados, que apenas mantêm os homens presos aos fardos de imposições legais. Ninguém consegue se mover livremente no legalismo (Judaico ou Cristão). O "pecado que tão de perto nos assedia" que vimos pode representar o formalismo, que é sem vida, e ao qual a religião é tão persistente e facilmente suscetível.

Mas pode ter aplicação mais ampla. Peso pode ser qualquer coisa que tenha a finalidade de nos derrubar. Visto ser o *espírito* o alvo da plenitude, então, peso pode ser qualquer coisa que se pendure em nosso espírito. Há muitas coisas como ansiedade e sobrecarga espirituais para

as quais Deus já providenciou um remédio, e esta carta faz referência a algumas delas. União inclusiva com Cristo é encontrar "descanso para as nossas almas". "Meu fardo é leve." "Não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito de vida em Cristo Jesus me libertou da lei do pecado e da morte ". "Nós, os que cremos, entramos no descanso." O que está sobrecarregando o seu espírito para que você não consiga correr? Há algo em algum lugar na Palavra de Deus que irá aliviá-lo disso.

"O pecado que tão de perto nos assedia." Acho que essas últimas palavras são o que é requerido em inglês para expressar uma palavra grega. Esta palavra quer dizer "que permanece ao redor". Ligado à corrida, pode referir-se a pessoas ou coisas que não fazem parte dela, mas que ficam de pé ao lado da pista, atrapalhando quem está correndo. São "pecados" no sentido de que enfraquecem a fé e retardam o progresso espiritual. O que há em nossas vidas, que atrapalham o nosso progresso espiritual, que realmente não fazem parte do negócio? Cada um de nós deve responder essa pergunta em relação ao seu próprio caso. A palavra do Senhor é "deixando de lado todo o embaraço", e afaste para longe todo obstáculo, como um corredor se desvencilhando das pessoas que obstruem a passagem. Não fique para trás; não seja colocado para trás. A fé é a prova final. Que efeito isto ou aquilo pode causar sobre a sua fé? Isso irá decidir o que deve ser feito em relação a tal coisa.

O Líder

Quando o apóstolo manda os seus leitores olharem para Jesus, o autor e consumidor da (nossa) fé, na verdade ele diz mais do que está mostrado em nossas traduções.

Primeiro, é olhando para *além* ou para Jesus que *está adiante*. Em 11:26, está escrito que Moisés olhou para além (mesma preposição) para a recompensa.

Quer dizer "para *Jesus*". Este é o título da encarnação, da vida terrena, e seu uso aqui indica - como as próximas palavras mostram - que esta carreira de fé foi retomada e completada naquele que "de todas as maneiras foi tentado à nossa semelhança, mas sem pecado". Um homem em total dependência de Deus, nunca empregando Sua divindade para o seu próprio benefício, percorreu triunfantemente toda a carreira da fé; e, assim como Ele fez isso pelo mesmo Espírito Eterno que nos foi dado -

nem mais, nem menos - isso mostra que tal coisa *pode ser feita*, sem que haja *motivo* para fracasso.

"O Autor e Consumador da fé." Não existe a palavra "nossa" no texto original. Literalmente é "*o líder da fé*". Esta palavra é a mesma que em 2:10 - "aperfeiçoar o príncipe da salvação deles através dos sofrimentos". "Aperfeiçoar através dos sofrimentos." Agora estamos de volta à nossa palavra "perfeito" (= completo), e Aquele que foi tornado completo ao longo do mesmo caminho de fé que somos chamados a percorrer, Ele é o nosso "perfeito", isto é, aquele que nos torna completos. Nele este caminho de fé foi iniciado e nele está completo.

Agora, então, a exortação, tão cheia de doutrina. Se olharmos para o caminho, ou para as dificuldades, ou para nós mesmos, e nos ocuparmos com isso, não conseguiremos terminar o percurso; e mesmo se o fizermos, será lento e irregular. O ponto focal da fé aqui é nos ligarmos por meio dela ao Triunfante Senhor, com Sua obra aperfeiçoada, e computarmos o Seu triunfo como sendo nosso. Não é abstrato e meramente psicológico, mas há um Objeto Divino definido - uma Pessoa Viva - cuja obra o Espírito Santo está pronto para cumprir em nós. Quando o apóstolo chega à sua bênção apostólica em Heb 13:20, ele usa a frase "O Deus de paz ... *vos aperfeiçoe* (vos torne completos) em toda boa obra". Por ora ficamos por aqui, mas com esta observação - uma fé firmada em Jesus e em Sua personificação de uma obra perfeita, esta é a base sobre a qual "o Deus da paz" *nos* torna perfeitos.

Capítulo 7

A Aproximação do Grande Abalo

Ao se aproximar o escritor desta carta (aos "Hebreus") de sua conclusão; depois de repetidamente dar grandes e terríveis advertências quanto ao perigo de não compreender o pleno propósito e significado de Deus em Cristo, ele reúne tudo em uma previsão profética, a qual ela mesma é a advertência inclusiva.

"Ele prometeu, dizendo: Ainda uma vez farei tremer não só a terra, como também o céu. E este "ainda uma vez" significa a remoção das coisas abaláveis, como as coisas criadas, para que as coisas inabaláveis permaneçam (12:26-27).

É necessário que tenhamos certeza de que essa palavra tem uma aplicação ainda futura, que não foi cumprida por ocasião da destruição de Jerusalém nem da dispersão dos judeus, a qual era iminente quando a carta foi escrita. Sem dúvida, esta profecia teve um cumprimento parcial naquele evento terrível, mas, como tantas vezes acontece nas profecias, será que não havia nela um duplo sentido, como sem dúvida havia nos dois casos notáveis no Novo Testamento? Um é o caso do nosso Senhor citando Isaías 61 em Nazaré, e parando no "ano do favor do Senhor", não indo até "o dia da vingança do nosso Deus" (Lucas 4:18-19). O outro é a citação de Joel no dia de Pentecostes (Atos 2:16-21). Esta profecia obviamente não foi totalmente cumprida naquela ocasião, mas apenas parcialmente. Se olharmos para a passagem em Ageu (2: 6,9) citada em Hebreus, veremos amplas razões para duvidarmos de que o seu cumprimento total já tenha ocorrido.

"Ainda uma vez farei tremer os céus, a terra, o mar e a terra seca; farei tremer todas as nações; e virão coisas preciosas da todas as nações; e eu vou encher esta casa de glória, diz o Senhor dos Exércitos. A glória da última casa será maior do que a da primeira".

Nenhuma parte dessa profecia ainda foi cumprida literalmente. Se o apóstolo empregou essa profecia em relação à *destruição* do Templo, ao invés de seu enchimento com glória e paz, ainda resta muito a desejar, tanto quanto ao uso, interpretação e realização bíblicos. Uma interpretação espiritual do Dia de Pentecostes se aproximaria das

características - ou seja, o céu e a terra abalada: o mar e a terra seca (as multidões da humanidade): as nações; e as nações rendendo tesouros; a casa cheia de glória, etc. Porém, mesmo assim ficamos com o aspecto futuro da passagem em Hebreus 12.

O sentido do versículo 28 é que estamos em processo de receber um reino que não pode ser abalado, mas isso corresponde ao verso 5 do capítulo 2:

"Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo vindouro, de que falamos".

Todo este parágrafo deve ser transportado para "o reino que não pode ser abalado" juntamente com os "participantes da vocação celestial" (3:1). Ver-se-á, então, que o "uma vez mais", literalmente "apenas uma vez", em seu sentido universal, ainda deve ser futuro e, sem dúvida, está relacionado à Segunda Vinda do Senhor.

O último verso do capítulo 12 parece confirmar esse argumento - "pois o nosso Deus é um fogo consumidor", e certamente pertence aos eventos dos quais Pedro escreveu:

"O dia do Senhor ... no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos se desfarão com calor ardente, e a terra e as obras que nela há se queimarão. Vendo, pois, que não de perecer todas estas coisas..." (II Ped3: 10-11).

Algumas dessas frases ainda são bastante incompreensíveis para nós, e temos certeza de que Pedro nada sabia sobre bombas atômicas - "elementos dissolvidos com calor ardente"; mas o Espírito Santo fez e faz! (É bom ler todo este capítulo de Pedro.) As palavras de Pedro em sua primeira carta (4:17) também são muito relevantes para Hebreus 12:26, onde ele diz que

"Chegou a hora de começar o julgamento pela casa de Deus".

Tendo, então, como pensamos, boa base para crermos que o grande tremor ainda é futuro, somos capazes de dizer algo em relação a seu objeto, sua necessidade e seu chamado.

O Objeto do Abalo

À luz de toda esta carta, e de fato, à luz de toda a revelação do Novo Testamento, o único *objeto* pelo qual tudo é finalmente testado e julgado é Cristo, que, no sentido espiritual, é a constituição de todas as coisas. O único propósito universal de Deus é ter todas as coisas em

conformidade com Cristo. Isso deve ser orgânico; deve ter a própria natureza e essência de Cristo. Não pode ser por imitação, duplicação ou organização. Só pode ser por concepção, não por observação. Este reino "não vem por observação". Deve ser espiritual. Deve vir do interior por meio de "nascimento". Assim, a medida de Cristo como vida espiritual e natureza de todas as coisas, trabalhando a partir do interior, essa é a base e padrão de todos os juízos Divinos. Não será sã doutrina, verdade extra, devoção, zelo, obras, etc., mas apenas o próprio Cristo, conhecido, vivido e expressado no poder e na graça do Espírito Eterno. Numa palavra, será uma questão de nossa verdadeira vida espiritual como pessoas espirituais em viva e crescente identificação com Cristo através do Espírito Santo. Deus reduziu todo o seu julgamento a isso. "Ele julgará o mundo por meio de Jesus Cristo", e isto não é algo meramente oficial, mas espiritual - Cristo não é apenas o Juiz, mas Ele próprio é o padrão do julgamento. É por isso que o livro do Apocalipse, que é um livro de julgamentos, primeiro da Igreja e depois das nações, começa com uma apresentação completa do Cristo vivo. Depois mostra que o julgamento não será tanto em relação a *coisas*, as quais podem ser mais ou menos boas ou más, mas sim o que realmente é Cristo, e o que simplesmente não passa de imitação.

A Necessidade do Abalo

Nos primeiros capítulos, esforçamo-nos para mostrar que o Cristianismo se transformou, em grande parte, num outro Judaísmo, ou seja, num sistema externo e numa tradição histórica. Mas, na verdade, tornou-se mais do que isso. Em seus princípios, métodos e meios, tornou-se algo amplamente conformado a este mundo ou era. Se quiséssemos lidar com o aspecto negativo ou defeituoso das coisas, não seria difícil escrever capítulos inteiros sobre as fraquezas do Cristianismo organizado do tempo presente; mas preferimos usar o nosso tempo e espaço numa linha positiva. Contudo, apelamos aos irmãos para que pensem novamente com seriedade e responsabilidade diante do Senhor sobre a verdadeira natureza e origem de muita coisa que vai constituir os meios de propaganda e publicidade da obra para Deus. Vamos tomar cuidado com essa proeminência dada a honras, glórias, títulos, reputações e distinções humanas. Que os homens recebam tais coisas, ou que elas sejam dadas a eles nas várias esferas da vida - política, filantropia, indústria, aventura, guerra, esporte, entretenimento, ciência, arte ou educação - isso pode estar correto em si mesmo, porém, que essas coisas sejam amplamente empregadas como base de apelo, isso

simplesmente pode insinuar que os méritos de Cristo não são suficientes e que precisam desses embelezamentos naturais. Devem Cristo ou Seus servos serem recomendados ou aceitos por causa de alguma associação humana da palavra "grande" em alguma conexão terrena?

Novamente, tenhamos muito cuidado com o aspecto de entretenimento do serviço sagrado. "Amantes do prazer" é uma característica do fim dos tempos, e a presente era está caminhando para isso. Será que é necessário aceitar a presente era, a fim de atrair as pessoas? Será que o Evangelho depende dessa "maquiagem" para ter eficácia?

Mais uma vez: Tomemos cuidado para que não sejamos levados pela ilusão de grandeza. Muitos instrumentos poderosos de Deus - tanto pessoal como coletivo - perderam seu valor e impacto espirituais quando se tornaram grandes ou populares. Há uma armadilha satânica na grandeza, e podemos, por causa dessa ilusão, perder a nossa própria faculdade de enxergar exatamente onde e como Deus está realizando a Sua obra mais profunda. Muitas vezes, a obra mais profunda de Deus está oculta. Está se tornando difícil, se não impossível, para muitos servos de Deus acreditar ou entender que alguma coisa de real importância pode ser feita, a menos que seja bem conhecida e esteja sob os olhos do público.

Quando David colocou a Arca numa carroça nova e as coisas foram tão longe que chegaram a um impasse ignominioso e trágico, não foi por falta de sinceridade, devoção, zelo, energia ou sinceridade, mas porque inconscientemente ele tinha elaborado uma ideia e um método oriundo dos adivinhos filisteus. Uma vez aqueles adivinhos tinham colocado a Arca numa carroça nova, a fim de enviá-la de volta a Israel. Num momento de fraqueza, Davi havia fugido, indo habitar na terra dos filisteus e lá foi infectado pelos métodos e modos dessa nação. Quando Deus feriu Uzá, de modo que morreu ali diante do Senhor, isso teria sido muito duro e severo, à luz do zelo pelo Senhor, se não tivesse havido algum fator extra. Esse fator foi a mão de outro sistema espiritual oriundo deste "presente mundo mal" do qual os adivinhos eram os representantes e servos, e a quem Deus já havia afligido e amaldiçoado. (Leia a história em I Samuel 5, 6, 27; II Samuel 6). Não havia razão para que Uzá fosse poupado e os filisteus destruídos se o mesmo fator fosse obtido em ambos os casos. Nenhuma quantidade de zelo pode nos salvar no final se os princípios forem falsos. Mas observe como tudo foi muito sutil. Não havia a mais remota ideia de que as coisas estavam erradas em sua base. A ideia de trazer a Arca (o Testemunho) para o seu devido

lugar estava correta e de acordo com a vontade de Deus. A sinceridade e a inteireza não deixaram nada a desejar. O motivo e sua paixão eram totalmente louváveis. Mas em algum lugar, de alguma forma, o Anticristo (em princípio) estava oculto na constituição das coisas: a energia da carne, a vida da alma, estavam influenciados por aquilo que não era o Espírito de Deus. Se a alma, que é o lado natural do ser humano, *predomina*, em algum ou em todos os seus aspectos - intelectual, emocional ou volitivo - então a porta está aberta para o engano; e engano, sendo o que é, não significa que não há zelo por Deus; há zelo, sim, porém, sem entendimento. É somente quando o filho de Deus vive e é governado pelo Espírito Santo através de seu espírito renovado - não *primeiramente* sua alma - que ele ficará consciente das "coisas que diferem", mesmo em seu serviço para Deus. Eventualmente foi mostrado a Davi o que o Espírito Santo havia indicado nas Escrituras quanto aos princípios que regem o serviço a Deus, e ele descobriu através de experiência trágica que os princípios espirituais são mais importantes do que zelo e energia, embora estes últimos não tenham sido menores quando a base verdadeira foi estabelecida. Satanás é muito sutil e irá apoiar o nosso zelo por Deus se, ao fazer isso, puder, eventualmente, trazer vergonha e desonra ao testemunho de Deus.

Deus vê através disso e nos adverte. Normalmente o problema é que, como no caso de Davi, o ímpeto associado a uma grande ideia para Deus simplesmente ignora aquela espera silenciosa em Deus, e também a necessidade de consultá-lo quanto aos meios e métodos a serem empregados. A razão pela qual o desastre acontecerá, embora a pessoa esteja envolvida com Deus em sinceridade, é que tal atitude não permite que haja um tempo de quietude diante de Deus, a fim de esperar nele. Pode até haver oração, mas é sempre aquela oração impulsionada pelo trabalho, e não o contrário. A questão é: você adquiriu esse método, esse modo, esse programa no lugar secreto com Deus, diretamente Dele? Você realmente colocou tudo de lado até que todo calor e agito tenham sido submetidos ao julgamento do Espírito Santo? Ou você está apenas seguindo em frente sob o pretexto de que a coisa é para o Senhor?

Você acha que julgamento é sobre homens e coisas como tais? Será que não havia devoção genuína suficiente ao Senhor em Davi, Uzá e em todos os demais que pudesse evitar aquela terrível oposição de Deus? Não teria sido o Senhor tardio em se irar se tudo fosse apenas uma questão de zelo e devoção? Oh, por que então toda essa severidade da

parte de Deus? Por que o julgamento deve começar pela casa de Deus? Não pode ser por causa de um maior ou menor grau de bondade ou zelo cristão. Deve haver algo mais envolvido nessa questão além disso! Sim, há, e nós tocamos nele. Os "olhos de fogo" (Apocalipse 1:14), "o fogo consumidor", enxergaram uma insinuação - em princípio ou elemento - do *maligno*, que enganará até mesmo ao ponto de se passar por Cristo ou por "um anjo de luz", para que - mais cedo ou mais tarde - o verdadeiro impacto de Cristo seja neutralizado.

Isso é tudo tão relevante para nossa consideração nesses capítulos, e , sem dúvida, está por trás da natureza terrível das advertências nesta carta. Nós jamais conseguiríamos enfatizar demais ou exagerar as terríveis consequências para os cristãos e para a obra Cristã advindas do fracasso em não se levar suficientemente em conta o significado do versículo 12 do capítulo 4, associado ao versículo 9 (última parte) do capítulo 12.

Porém, após tudo isso ter sido dito, tanto lá como aqui, será que você vai parar, ou será que você pode parar, para ter um lugar seguro no Espírito, ou será que você está tão envolvido, comprometido, impulsionado, que a "voz ainda pequena" do Espírito não tem chance de ser ouvida? É neste universo de coisas que o grande tremor produzirá o seu primeiro efeito. Foi-me dito recentemente na América, de fonte segura, que cinquenta por cento dos missionários que vão para o campo missionário jamais voltam para lá depois de sua primeira licença; eles não conseguem suportar. Se essa proporção fosse apenas metade da verdade, ainda assim seria uma surpreendente - embora pequena - amostra do que significará o grande abalo na questão de descobrir o quanto realmente existe de Cristo em todo entusiasmo inicial e boas intenções. O apelo desta Carta não é para que haja diminuição de zelo, de devoção e de energia, mas para que haja mais profundidade, mais medida espiritual e mais compreensão Divina - "Prossigamos até o pleno crescimento".

Trataremos particularmente desse apelo em nosso próximo capítulo.

Capítulo 8

O Apelo Reiterado

Bem no início desta carta, tendo feito uma grande e multifacetada comparação e contraste entre os maiores personagens e coisas da antiga dispensação e Jesus, o Filho de Deus, o escritor, então, faz um apelo e uma advertência em termos bem superlativos. "Como escaparemos nós se negligenciarmos tão grande salvação?" Ao longo da carta ele aplica isso em várias conexões, mas ele o faz sempre regido por essa última frase

"Tão Grande Salvação" Então é disso que se trata! Salvação. *Grande* salvação. Tão *grande* salvação! Como não pode haver duas salvações, esta e alguma outra, mas esta tão grande salvação é realmente o que Deus pretende por salvação, é por isso que olhamos novamente para o que foi dito nestas páginas quanto à grandeza de Cristo, a grandeza do nosso chamado, a grandeza de nosso destino pretendido e a grandeza de nossa responsabilidade. Uma coisa deve surgir desta consideração, isto é, que a salvação é algo muito maior no aspecto "*salvos para*" do que no aspecto "*salvos de*". Isto é, há muito mais no propósito de Deus para o homem do que apenas salvá-lo do pecado, do julgamento, da morte e do inferno. Por mais que a redenção seja algo tremendo, contudo, a sua função consiste apenas em levar o homem de volta ao lugar onde o propósito original pleno de Deus possa ser desenvolvido. A "queda" foi algo que custou muito caro ao homem, porém, a sua recuperação tem um propósito muito mais elevado do que apenas restaurá-lo. O Evangelho normalmente pregado está muito mais ocupado com o homem em si e com as vantagens e benefícios imediatos da salvação. Prometer o céu e levar o homem para lá, isso é tudo. Contudo, a "tão grande salvação" possui questões imensas ligadas a ela e inclui todos os superlativos e "mistérios" das incomparáveis revelações de Paulo acerca do "propósito eterno". O maior aspecto da salvação é o que está implicado no "salvos para", por maior que seja o "salvos de". Se mais desta grandeza tivesse dominado os pregadores, e fosse o motivo poderoso de sua pregação, como foi no caso de Paulo, e de outros, o apelo aos homens necessitaria de quase nenhum adereço, como mencionamos em nosso último capítulo.

É à luz desse aspecto mais positivo que o nosso escritor tão repetidamente faz o seu apelo, rogando e advertindo, e agora pretendemos finalizar nossas meditações examinando muito rapidamente esses apelos.

Embora o próprio escritor estivesse por demais envolvido com a sua temática, para que pudesse fazer uma parada, a fim de sistematizar o assunto, pode ser útil se fizermos algo nesse sentido. Sendo assim, sem muito esforço, podemos colocar essas reiterações em três conexões - A, B e C.

Entendemos através desta carta que aqueles a quem ela foi escrita eram crentes no Senhor Jesus, os quais haviam se entregado a Ele. Eles são chamados de "santos irmãos" (3: 1), o que implica em consagração a Cristo. É neste pressuposto que o escritor baseia os seus apelos e advertências.

A. A Base da Consagração

Essa base é vista nas primeiras séries de apelos.

1. (4:1) "*Temamos*".

Se a consagração ao Senhor for genuína, baseada numa adequada compreensão de Sua superioridade em relação a todos os demais, então ela terá em si este elemento de temor santo. O contexto mostra que é a grande perspectiva que surgiu com Cristo que cria tal temor. O santo temor deve ser sempre uma marca na vida do cristão; não temor do julgamento; não medo do Senhor; mas temor de que possa haver alguma falta de *tudo* aquilo que está implícito no chamado da graça. A presença de tal exortação por si só já é suficiente para provar que apenas ter aceitado a Cristo não é suficiente para garantir a realização (para usar a palavra de Paulo) de tudo aquilo que está incluído em termos sido "alcançado por Cristo Jesus".

2. (4:11) "*Procuremos diligentemente*", literalmente "apressemo-nos".

Isso se aplica ao fator tempo, especialmente ao tempo espiritual. "Durante o tempo que se chama Hoje" ou "Hoje, se ouvirdes", essa é a base do apelo aqui. A falta de urgência e diligência terá dois efeitos. O tempo oportuno de Deus - que jamais se mostrou ser outro tempo que não este em que vivemos hoje - pode ser perdido; e, ou, a nossa capacidade ou habilidade de tirar proveito de tudo aquilo que pode ser

apreendido pode se perder, e sermos encontrados como navios encalhados em algum banco de areia.

3. (4:14) "*Retenhamos firmes*" literalmente "agarremos". É muito fácil perder a aderência e ficar solto ou folgado. Você fez uma confissão; reafirme, e não permita que o pleno significado e valor dessa confissão escape da sua mão, ou seja tirado de você. Feche bem a sua mão contra tudo que queira roubá-lo de você.

4. (4:16) "*Cheguemos... com confiança*". Falso temor, timidez, incerteza ou qualquer coisa que pertença a essa grande família da Dúvida, tudo isso irá nos manter afastados, se possível. O Trono da Graça está lá. O Sangue abriu o caminho. O Sumo Sacerdote com toda compaixão estende a mão de Deus para pegar a sua. Por que hesitar, duvidar, vacilar? Permanecer afastado significa estar mais e mais envolvido no desânimo e nas acusações de Satanás. Faça o ousado mergulho de fé na misericórdia e no amor de Deus; dê crédito a Ele por aquilo que Ele diz e se "aproxime".

B. O Desenvolvimento da Consagração

1. (6:1) "*Prossigamos...*" O real valor desta exortação é encontrado na implicação da palavra grega usada. É a mesma palavra que está em Atos 2: 2 ("correndo") e II Pedro 1:21 ("movido"). Significa ser levado por outra pessoa. Isso indicaria que Deus está se movendo para frente, que o Espírito de Deus está seguindo em frente. Ele não está se detendo nem se atrasando, mas com grande energia está perseguindo o Seu alvo. Vamos nos lançar nessa corrida com Ele. Deixemo-nos ser levados pelos movimentos Dele. Vamos nos render ao Seu poder. Não sejamos deixados para trás pelo Senhor. "Crescimento pleno", esta é a Sua meta; não permaneçamos infantis ou imaturos.

2. (10:22) "*Cheguemo-nos*". Isso não é o mesmo que o número 4 acima. Lá era uma questão de nos ajustarmos para sermos recebidos. Já aqui é uma questão de comunhão após o ajuste. No primeiro caso não precisamos e não devemos ficar afastados, perguntando se por ventura podemos ousar nos aproximar. No segundo caso, não devemos vir com reservas que nos impeçam de entrar positivamente nessa comunhão que nos é oferecida.

3. (10:23) "*Retenhamos firme*" Novamente, isso não é o mesmo que o número 3 acima. Lá o sentido era segurar firme; agarrar-se. Aqui o sentido é manter-se firme. É uma questão de tenacidade em relação à

"nossa esperança", para que ela "não vacile". Isso vai direto à raiz do objetivo de toda essa carta. É um caminho custoso e difícil. É ir para "fora do arraial, levando o seu vitupério". Nós fizemos uma confissão. Talvez tenhamos nos enfraquecido. Porém, tendo reforçado o nosso aperto, não nos enfraqueçamos novamente, mas sejamos persistentes.

4 (10:24) "*Consideremo-nos uns aos outros*". Ou melhor, "examinemos" uns aos outros com o objetivo de (a) Imitar o bem um no outro. (b) Estimular um ao outro a fazer o bem, amar e praticar boas obras.

Em resumo, consideremos uns aos outros com o objetivo de nos ajudarmos positivamente a alcançarmos a meta - não notando as faltas e defeitos uns dos outros, retardando, assim, o progresso do outro e o nosso também.

C. As Características da Consagração

Tendo feito seu apelo para que haja uma renovada consagração, e, tendo mostrado o que é a consagração, o escritor procede a uma série de exortações que indicam como deve ser uma pessoa verdadeiramente consagrada; o que é necessário para caracterizar tal pessoa.

1. (12:1) "*Deixemos de lado*" Se realmente quisermos falar de empreendimento em relação a esse "chamado celestial" (3: 1), devemos e vamos olhar para tudo do ponto de vista de se a coisa é positiva ou negativa. Tal coisa ajuda? Se não ajuda, então deve ser descartada. Pois, por impedir, retardar ou tornar pesada a caminhada, está condenada. O curso deve estar o mais desimpedido possível, e qualquer coisa ou alguém que não faça parte do empreendimento, que esteja apenas obstruindo ou nos fazendo perder tempo, deve ser deixado de lado. Isso se aplica à "bagagem da vida", e, também às distrações e diversões, aos desencorajamentos e desânimos. Nessa corrida não há espaço para o temperamentalismo e o mau humor, e o pecado da dúvida e da desconfiança que facilmente nos aflige rapidamente irá levar o peregrino ao Pântano do Desânimo.

2. (12:1) "*Corramos*". Corramos, e não apenas fiquemos falando sobre consagração; não apenas fiquemos interessados nesse assunto; não sejamos meramente membros de algum 'Comitê de Consagração'; não sejamos especialistas na técnica do atletismo, conhecendo corridas e corredores, cursos, regras, roupa e prêmios; mas, sim, "*corramos*" de fato; façamos isso. Há muitas pessoas por aí que conhecem todo ensino e doutrina acerca da consagração, mas suas arrancadas são lentas, são corredores fracos, que precisam sempre serem encorajados,

revigorados, que precisam de um descanso! Avancemos; corramos "com paciência". *Permaneçamos* na corrida.

3. (12:28) *"Retenhamos (ou aceitemos) a graça pela qual sirvamos..."* Aqui a palavra grega para servir sugere um retorno por algo recebido. A graça é uma grande bênção e um grande benefício. A graça que nos chamou com tal "vocação celestial" para *tal* "parceria" (3: 1) certamente cria uma responsabilidade que nasce da dívida. Vamos tomar essa graça com os nossos corações agradecidos e provar nosso senso de dívida através do serviço.

4. (13:13) *"Saíamos, pois, a Ele para fora do arraial"*. Em apreciação à suprema grandeza de Cristo e à graça que nos foi concedida, mostremos que não nos envergonhamos Dele, mas que estamos preparados para sofrer com Ele e tomar parte do Seu opróbrio. Se realmente estamos consagrados a Cristo, ficaremos contentes em estar ao lado Dele, embora Ele e os Seus interesses sejam rejeitados até mesmo pelo próprio sistema Judaico-Cristão que está mais interessado em si mesmo do que no Senhor.

5. (13:15) *"Ofereçamos sempre um sacrifício contínuo de louvor"*. Esta é a pedra angular, a coroa da consagração. Reprovação e rejeição, sim, e tudo mais que esteja envolvido; mas será que Ele não é digno? Irá o fim justificar a consagração? Filiação, domínio, parceria com Cristo coroado de honra e glória, a Casa de Deus para sempre; estas são as coisas apresentadas nesta carta. Se nós realmente temos visto o *Senhor*, se temos entendido o que significa uma parceria com Ele, de modo que nos entregamos a Ele, então faremos parte daquelas turmas sacerdotais de cantores que - segundo a constituição de Davi - nunca cessavam. Esta carta está grandemente ligada à Casa, ao Sacerdócio e ao Sacrifício, de modo que não é de surpreender que, por implicação, deva terminar nas "vinte e quatro turmas de cantores" - uma turma para cada ciclo do sol, dia e noite. "Um sacrifício de louvor contínuo" ou "um sacrifício de louvor perpétuo".

Assim, catorze vezes nesta carta o apelo é feito contra todo e qualquer fracasso de se manter sempre numa ativa busca pelos pensamentos mais plenos de Deus em relação ao Seu povo. O espírito de Calebe é tão apropriado a tudo isso; ele "seguiu plenamente o Senhor" e, já em idade avançada, solicitou uma região montanhosa, uma montanha, a fim de provar que ele ainda possuía aquela mesma mentalidade, e que o Senhor honra os tais com suprimentos de vitalidade espiritual. Ele tinha visto o

que Deus havia revelado como sendo o Seu propósito para o povo e isso era que importava para ele. Ele - Calebe - não aceitaria nada menos do que isso. Ele jamaisalaria sobre isso como sendo algo "ideal, porém impraticável", ou "um estado de coisas sendo o que é - ruínas - e que devemos aceitá-lo e tirar o melhor proveito de tudo". Qualquer conversa desse tipo soaria a Calebe com sendo uma traição: uma deslealdade para com o Senhor; uma admissão de que Deus pretendia algo, mas que se revelou impraticável e, portanto, deve ser trocado por algo menor. A mente de Calebe era esta: a maioria poderia tomar outra atitude, mas, até que Deus revelasse outra coisa em relação ao Seu propósito, embora ele fosse o único a "seguir em frente", ele se manteria nessa posição. Tal atitude e tal espírito foram completamente honrados por Deus, de modo que não apenas Calebe herdou, mas Judá também entrou em sua herança por causa da fidelidade desse homem. E Judá representa algo no pensamento divino!

Enquanto "Hebreus" e "Efésios" ainda permanecerem fazendo parte da Bíblia, é isso que Deus deseja para o Seu povo, mesmo que, comparativamente, sejam poucos os que "avançam". Tomar outra atitude diferente dessa só pode significar grave perda. Por isso, a essas repetidas exortações o escritor liga uma repetida nota de aviso "Para que não". Vale a pena considerarmos as nove ocorrências dessa nota de aviso. Elas abrangem toda forma de possível causa de fracasso - desde a falta de atenção necessária para se prender as amarras no ancoradouro, evitando que a embarcação seja levada pela correnteza para o alto mar ou para as rochas, até um endurecimento definitivo do coração contra o apelo "Hoje, se ouvireis a sua voz ". Este último é um apelo dado a cristãos (e não aos não salvos) como os pregadores costumam fazer de forma quase que exclusiva.

Tudo isso, então, nos traz de volta ao ponto de partida - as implicações desta carta - e deve nos fazer examinar o Cristianismo moderno bem como a nossa própria posição, para ver se é apenas um sistema estabelecido, uma tradição, uma herança, ou se é algo que de fato esteja nos levando para a Boa Terra, para a meta, para a plenitude de Cristo.